

palavra



Ano 10 | Número 9 | 2019
Sesc Literatura em Revista

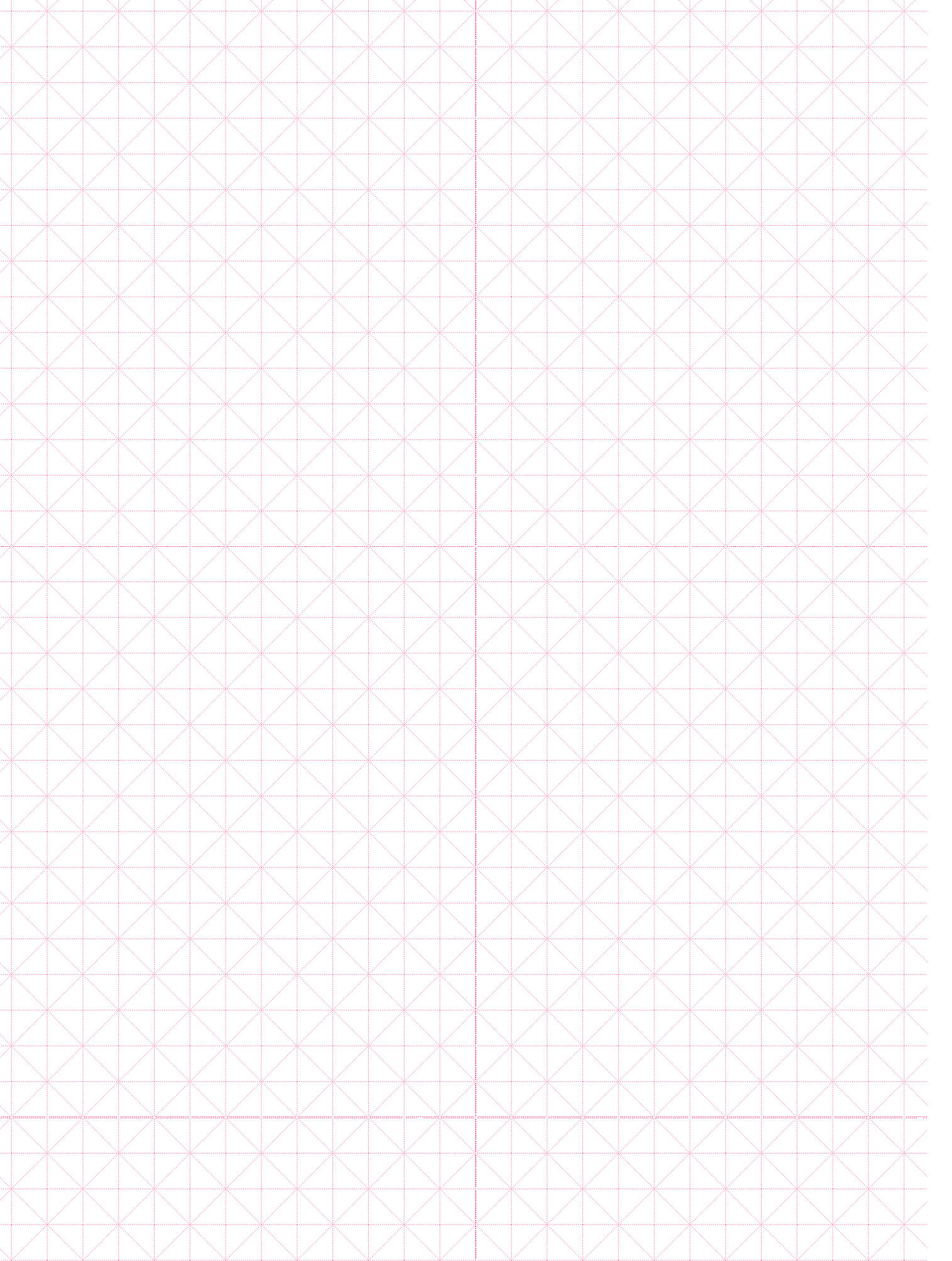


DEVORADORES DE LIVROS

o que e como os jovens
estão lendo hoje

TEXTOS INÉDITOS DE

Bruna Mitrano, André Vallias,
Luisa Geisler, Meimei Bastos
Raphael Montes **e outros**



Editorial

Dando seguimento ao novo conceito editorial iniciado no número anterior, a revista Palavra 9 apresenta um retrato plural da produção literária brasileira contemporânea. Devido à diversidade cultural do país, os projetos de Literatura realizados pelo Sesc promovem o fomento da leitura, a ampliação e renovação do cenário literário brasileiro, e levam a todas as regiões do Brasil representantes das mais diversas vertentes literárias.

Os projetos literários desenvolvidos pelo Sesc compreendem a literatura como um potente meio de construção de identidades e de formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. A literatura, em suas mais diferentes conformações, tem um papel educativo que extrapola o ensino formal, complementando-o e oferecendo um modo prazeroso e eficaz de ler o mundo.

Um desses projetos é o Arte da Palavra – Rede Sesc de Leituras, único circuito literário existente no Brasil, com mais de 80 autores realizando debates, apresentações e oficinas em todos os estados durante o ano. Os colaboradores desta edição são, em sua maioria, autores que também estão inseridos no Circuito Arte da Palavra. Ambos os projetos, apesar de autônomos, se complementam, fortalecendo organicamente o conjunto de projetos literários do Sesc.

Neste número, continuamos dando especial atenção aos jovens leitores, compreendendo a sua importância no incremento da leitura e da produção literária. Assinado pelo jornalista Rodrigo Casarin, responsável pelo blog *Página Cinco*, com mais de 350 mil acessos por



mês, a matéria “Por um país de jovens leitores” apresenta um rico panorama da relação do jovem com a literatura no Brasil de hoje. Complementando a matéria, Rodrigo entrevista Samir Machado de Machado, cujo último romance, *Tupinilândia*, oferece uma aventura em meio à floresta amazônica, bem ao gosto do jovem leitor. Há ainda artigos de Márcia Kambeba, sobre literatura indígena, Nina Rizzi, sobre tradução, e Fabrício Marques, sobre a relação entre o escritor e a cidade.

A revista também traz poetas e prosadores da cena contemporânea, nomes como Bruna Mitrano, Meimei Bastos, Aline Prúcoli, André Vallias e Bruno Gaudêncio na poesia; Katherine Funke, Reginaldo Pujol Filho, Nivaldo Tenório, Raphael Montes e Marcelo Labes, na prosa, dão mostras da diversidade e da qualidade literária atual. Esta edição traz ainda trabalhos de Anabella López, Mariana Paraizo, Renato Moriconi e Caeto, representantes da rica produção gráfica ligada às HQs e ilustrações, além de resenhas e depoimentos.

Nossa intenção ao publicar esta revista é oferecer ao leitor momentos de prazer e reflexão na leitura de textos que representam um momento único e riquíssimo da atual literatura brasileira. Num período em que se exacerbam discursos de preconceito e radicalismo, a literatura tem o poder de apontar caminhos de tolerância e respeito à diversidade de pensamento e costumes, fundamentais para o fortalecimento do ambiente democrático.

A redação

7

Primeiras Palavras

9

Rodrigo Casarin

Por um país de jovens
leitores

15

Entrevista

Entre Virgílio e Dumas
escritor Samir Machado de
Machado

17

Artigo

Nina Rizzi
Fabrício Marques
Marcelo Labes
Márcia Wayna Kambeba

27

Conto

Katherine Funke
Nivaldo Tenório
Raphael Montes
Reginaldo Pujol Filho

40

Tirinha e Charge

Caeto
Anabella López
Mariana Paraizo
Renato Moriconi

48

Poema

Meimei Bastos
aline prúcoli
Bruna Mitrano
Bruno Gaudêncio
André Vallias

60

Resenha

Márwio Câmara
Marta Barcellos

64

Depoimento

Luisa Geisler
Carlos Fialho

PRI MEI RAS *PA* *LAVRAS*

O Sesc tem reafirmado, ao longo do tempo, o seu papel de disseminador da cultura brasileira em todas as suas vertentes, consciente de sua responsabilidade de democratizar o acesso às manifestações artísticas.

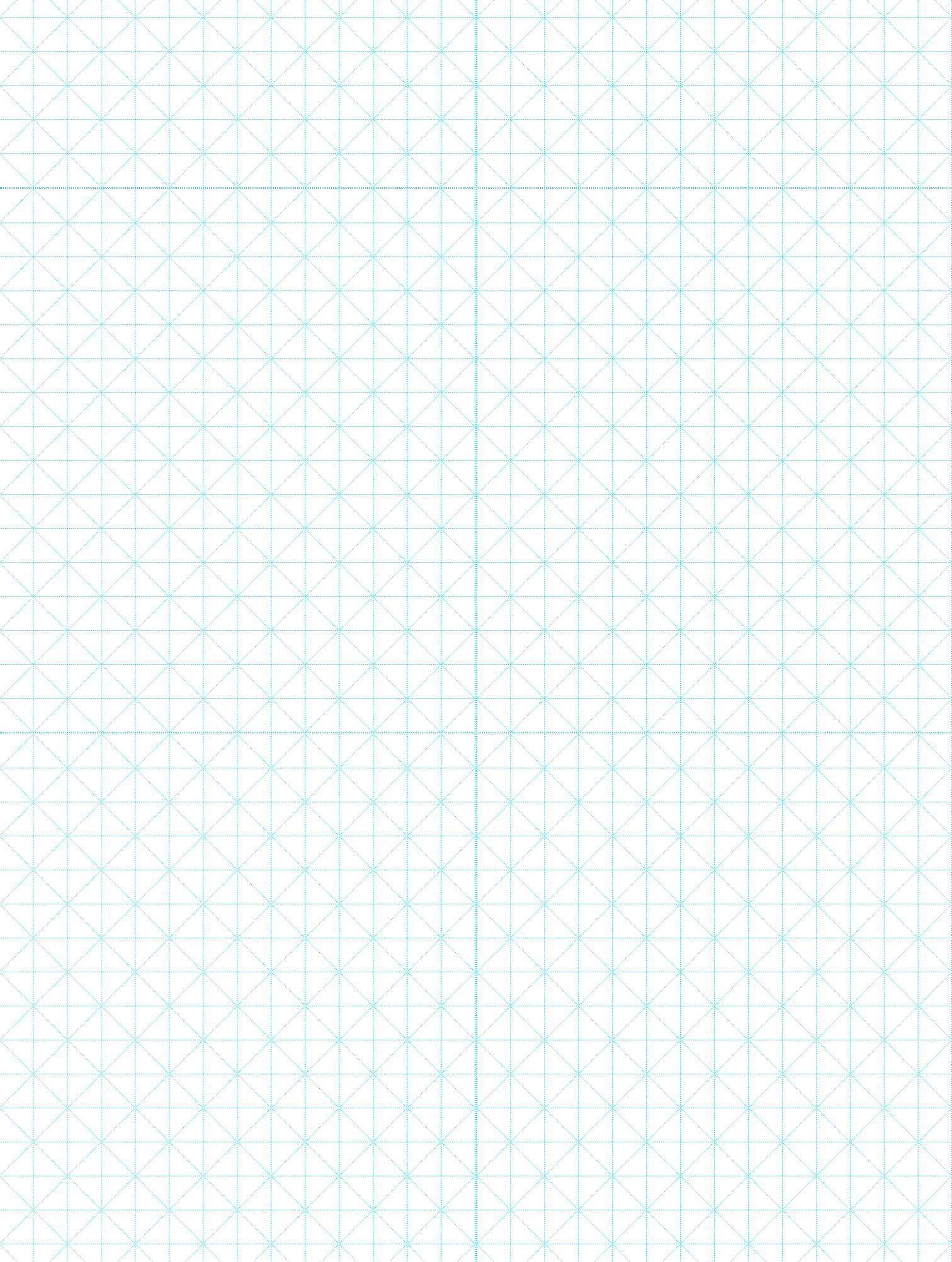
A área de Literatura tem lugar de destaque nesse universo, desde que iniciou sua trajetória há mais de vinte anos, com projetos de formação de leitores, desenvolvidos tanto em âmbito nacional como regional. Esse olhar direcionado à literatura brasileira, expressão genuína de nossa realidade, abriu espaço a inúmeras iniciativas como feiras e jornadas, circuitos de contadores de histórias, saraus de poesia, cafés literários, rodas de leitura e laboratórios de criação, promovidas nas unidades do Sesc em todos os estados e abertas ao público.

Entre os projetos de relevância desenvolvidos pelo Sesc, cumpre destacar o Prêmio Sesc de Literatura, consolidado como um dos mais importantes do gênero no Brasil, realizado

em parceria com a editora Record. Com 16 anos de existência, já revelou inúmeros escritores de qualidade inequívoca. Outro projeto extremamente importante por sua abrangência é o Arte da Palavra - Rede Sesc de Leituras, circuito de debates de autores, oficinas literárias e apresentações de literatura oral.

Nesta nova edição, a **Palavra** busca se integrar ao conjunto de projetos literários, reforçando a unidade da área e reafirmando o compromisso do Sesc com a difusão da literatura brasileira, a ampliação do universo de leitores e democratização do acesso a bens culturais, na esperança de construir um país mais justo, ultrapassando os obstáculos ao nosso desenvolvimento.

Departamento Nacional do Sesc



POR UM PAÍS DE JOVENS LEITORES

Rodrigo Casarin

Vinícius Bonafé sempre gostou de bons livros. Na infância, lia e relia Ana Maria Machado e Ruth Rocha. Também adorava Pedro Bandeira. Hoje, aos 18, estuda Jornalismo e é um leitor voraz. Vitória Maciel se apaixonou pela poesia quando tinha uns 10 anos. Pegou o hábito de emprestar livros da biblioteca da escola e hoje, aos 16 e cursando o Ensino Médio integrado ao técnico em Logística, está sempre mergulhada em alguma aventura literária. Lana Borges, 19, estuda Secretariado e tomou gosto pelas letras por conta do pai, que a presenteava com gibis que liam juntos. Bruno Daldupo, outro de 19, estuda Física. Depois de se apaixonar pela saga de *Harry Potter* nas telonas, resolveu dar uma chance aos livros do bruxo. Como magia, logo estava capturado pelo universo literário, num encantamento que nunca se desfez.

É comum vermos pessoas reduzindo a garotada a massas uniformes para poder bradar: “o jovem brasileiro lê”, quando otimista, ou “o jovem brasileiro não lê”, quando o olhar é descrente. O fato óbvio é que, para além de máximas, há jovens que, como Vinícius, Vitória, Lana e Bruno, são apaixonados pelos livros, enquanto outros tantos não descobriram – ainda? – o prazer da leitura. Outro fato, este não tão óbvio, é que dados apontam que o jovem brasileiro se interessa mais por livros hoje do que se interessava há uma geração.

Bom termômetro para essa constatação é a Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, maior evento do setor editorial do país. Na edição de 2011, 11% de seu público era formado por jovens entre 15 e 19 anos, percentual que saltou para 31% em 2017. “A participação dos jovens aumentou muito, seguindo uma tendência do mercado editorial, com fenômenos como *Harry Potter* e *Crepúsculo*, além do sucesso entre adolescentes de autores nacionais como Thalita Rebouças, Eduardo Spohr e Paula Pimenta. Até 10, 12 anos atrás, a participação dos jovens no evento era baixa”, diz Tatiana Zaccaro, diretora da Bienal.

A quarta edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada ao Ibope pelo Instituto Pró-Livro, mostrou que de 2011 para 2015 houve um aumento no número de leitores nas faixas mais jovens da população brasileira. Entre as crianças de 5 a 10 anos, o número saltou de 66% para 67%; entre adolescentes de 14 a 17 anos, esse número foi de 71% para 75%; e entre os jovens adultos de 18 a 24 anos, o ganho mais expressivo: de 53% para 67% (a garotada entre 11 e 13 anos se manteve no mesmo patamar: 84% de leitores).

Casas editoriais que lidam diretamente com o público jovem corroboram as palavras de Tatiana e os dados levantados pelo Ibope. Para Paula Drummond, editora do selo Rocco Jovens

Leitores, histórias com personagens que dialoguem com o momento de vida que os leitores estão vivendo são importantes para atrair a garotada para o mundo da literatura. “Hoje existe uma gama muito maior de segmentos, o que nos permite encontrar mais público e, consequentemente, despertar o espírito leitor nos jovens. Por exemplo, o segmento de livros jovem adulto, que contempla pessoas a partir de 14, 15 anos, com temáticas que se relacionam com as angústias e vida deles, está em constante expansão no mercado estrangeiro e também no nacional”, afirma.

“Por meio desses influenciadores digitais, eles conseguem acessar conteúdos e dicas que não conseguiam anteriormente, e isso é ótimo: não ficam presos só às indicações da escola e podem descobrir qual é a sua personalidade leitora.”

Paula Drummond

Outro fator que contribui para termos cada vez mais jovens leitores é o poder do meio digital. Segundo a editora da Rocco, *booktubers* e *bookstagrammers* (pessoas que falam sobre livros no Youtube e no Instagram, respectivamente) são essenciais para engajar uma juventude que passa boa parte do dia navegando pela internet. “Por meio desses influenciadores digitais, eles conseguem acessar conteúdos e dicas que não conseguiam anteriormente, e isso é ótimo: não ficam presos só às indicações da escola e podem descobrir qual é a sua personalidade leitora.

Esses influenciadores chegam em cidades em que nem biblioteca e livraria têm”, argumenta.

Bonafé, aquele cuja paixão pela leitura se iniciou com Ana Maria Machado e Ruth Rocha, é uma amostra disso. Tinha por volta de 11 anos quando leu *Fallen*, de Lauren Kate, que definitivamente o levou ao patamar de “devorador de livros”. O garoto aponta a internet como uma das responsáveis por solidificar essa sua paixão: “Os canais literários do Youtube estavam em alta na época e definitivamente aumentaram o meu interesse pelas mais diferentes leituras.”

Também lidando com esse público, Rafaella Machado, editora do selo Galera Record, concorda que houve um crescimento no número de leitores adolescentes nas últimas duas décadas, mas, por outro lado, vê uma estagnação nesse movimento: “Nos últimos 20 anos observamos um crescimento vertiginoso do público jovem se interessando por livros. Começou com *Harry Potter* e se estendeu para diversos outros sucessos. Nos últimos anos, no entanto, parece que deu uma estagnada. Não que o jovem tenha deixado de ler. A literatura jovem continua vendendo consistentemente, mas não está mais subindo vertiginosamente.”

Os craques da mediação

No que depender de algumas pessoas, essa estagnação apontada por Rafaella logo ficará de lado e os números voltarão a subir. Por todo o Brasil, há quem toque iniciativas que buscam não só mostrar a importância dos livros aos

jovens, mas fazer com que eles se apaixonem pela arte. É o caso de Aline de Medeiros, coordenadora de Literatura do Sesc Rio Grande do Sul, que desde 2012 toca o Sesc Mais Leitura, que até outubro do ano passado já tinha alcançado mais de 200 mil estudantes de diversas cidades gaúchas.

O projeto disponibiliza livros para bibliotecas de escolas, que, ao longo do ano, recebem visitas de mediadores que falam sobre literatura a partir da realidade vivida pelos jovens. “Este tipo de atividade estimula a formação de leitores menos pragmáticos e didáticos e abre para uma perspectiva mais cultural, procurando fidelizar estes leitores mesmo quando não estão mais vinculados às escolas”, explica Aline. “O jovem se interessa por literatura quando estimulado, quando vê os adultos próximos lendo, quando se apaixona por determinado estilo de filme, série ou game e procura a ‘fonte’, quando a literatura se mostra por meio de uma porta artística e não por tabelas com características do barroco ou do modernismo”, continua.

Nesse processo de conquista, é primordial que os incentivadores de leitura também sejam leitores apaixonados. É o caso do escritor Rodrigo Ciríaco, que há mais de 13 anos participa do movimento de saraus que agita periferias de São Paulo. Ele é um dos membros fundadores do Sarau dos Mesquiteiros, que, dentre os feitos, já dialogou com aproximadamente 50 mil jovens. O projeto tomou corpo em 2009 e se transformou no coletivo que leva o nome da Escola Estadual Jornalista Francisco Mesquita, onde realizava encontros “no contraturno, de forma voluntária e sempre com a participação de jovens e adolescentes, estudantes de escolas públicas”. As ações do grupo se dividem entre saraus, atividades de formação artística e pedagógica, publicações de livros e concursos literários.

“São muitos fatores que interferem no interesse pela literatura, desde uma formação escolar deficitária, a ausência ou insuficiência de ações de mediação de leitura, até a falta de uma política pública eficiente para o setor. O interesse existe se tiver acesso, investimento e múltiplas formas de mediação”, diz Ciríaco. Ele acredita que o ambiente familiar e escolar são fundamentais para que pessoas cresçam com o hábito da leitura, mas outros caminhos se fazem essenciais. “São necessários investimentos em bibliotecas, com programação permanente e diversificada, e pequenas livrarias em diversos pontos da cidade, principalmente nas periferias.”

Ciríaco também vê os saraus e os *slams*, as batalhas de poesia, como preciosas manifestações que ajudam a formar leitores. “Sou uma cria dos saraus da cidade. Costumo dizer que os ‘saraus são as bibliotecas sonoras das periferias’, o que não é pouco. Muitas pessoas, principalmente jovens e adolescentes, passaram a se interessar mais pela leitura, por literatura e poesia por meio destas ações, do acesso a poetas e escritores [presentes nesses encontros], do contato com suas obras.”

"São necessários investimentos em bibliotecas, com programação permanente e diversificada, e pequenas livrarias em diversos pontos da cidade, principalmente nas periferias." Rodrigo Ciríaco

Rumo ao norte, encontramos Geovana Lima, promotora cultural em literatura do Sesc Tocantins. Se são primordiais as pessoas que sabem fazer o meio de campo entre os livros e os potenciais leitores, Geovana está à frente de

uma iniciativa responsável por formar craques capazes de transformar (ou ao menos encantar) a realidade de muita gente no interior do país. Criado em 2009, o Mediadores de Leitura é responsável por mais de mil encontros realizados a cada ano, capitaneados pelos mais de 300 mediadores já capacitados pelo projeto.

O Mediadores de Leitura é desenvolvido em três etapas. Na primeira, mediadores aprendem métodos e estratégias para trabalhar a leitura com pessoas entre 6 e 16 anos. A segunda são as rodas de leitura promovidas principalmente em escolas públicas, orfanatos e casas de acolhimento, que recebem duplas de mediadores semanalmente ao longo de boa parte do ano. Na etapa final, o Festival de Causos e Poesia Declamada do Sesc, que acontece em Palmas, reúne tanto mediadores quanto leitores num grande encontro aberto à comunidade.

“Temos conseguido vencer essa barreira usando letras de rap, além dos livros de poesia do escritor Sérgio Vaz e do Renan Inquérito. Poesia é rap e rap é poesia. Os jovens gostam muito.” Geovana Lima

“Percebemos que os jovens têm muito interesse pela leitura de HQs, mangás, livros de ficção fantástica...”, comenta Geovana. “A primeira coisa que faço ao iniciar o planejamento com a equipe de mediadores é pedir que eles ouçam os jovens, se aproximem deles, tentem filtrar o que eles já leem, do que eles gostam. Essa escuta é importante; buscamos iniciar as leituras propostas nos encontros a partir daquilo com que eles têm afinidade e isso também ajuda na criação de laços entre mediadores e

grupo. Com o tempo, buscamos inserir outras leituras e assim vamos ampliando aos poucos o repertório de leitura desses jovens”, continua. E se alguma resistência aparece pelo caminho, procuram uma maneira de contorná-la, como no caso de meninos que não mostravam grande disposição aos encantos da poesia. “Temos conseguido vencer essa barreira usando letras de rap, além dos livros de poesia do escritor Sérgio Vaz e do Renan Inquérito. Poesia é rap e rap é poesia. Os jovens gostam muito.”

Iniciativas como o Sesc Mais Leitura, o Sarau dos Mesquiteiros e o Mediadores de Leitura repercutem entre os jovens apresentados no início do texto. Daldupo conta que a escola onde estudou em Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul, era um lugar que não possuía uma boa “atmosfera” para a “perpetuação do gosto pelo conhecimento”. Ali, sentia-se um tanto apático: não lia, não estudava. Certo dia, ao descobrir uma nova iniciativa que acontecia no colégio, pensou que poderia ser um subterfúgio para matar aulas.

Surpreendeu-se ao ouvir o escritor Uili Bergamin falando sobre *Dom Quixote* e Miguel de Cervantes em uma das etapas do Sesc Mais Leitura.

“Eu realmente fiquei boquiaberto em como uma sátira às novelas de cavalaria escrita há mais de quinhentos anos poderia ser tão genial e ter tanto impacto na literatura até hoje”, recorda. A semente estava ali. Anos depois, em um novo contato com o projeto, ouviu o professor Vinícius Rodrigues falar de “forma extraordinária” sobre Edgar Allan Poe. “Foi um dos gatilhos que me fizeram gostar de narrativas policiais e de histórias de horror. Foi lendo Poe que eu me interessei por Lovecraft, por Stephen King e por outras obras do gênero.”

Já Vitória e Lana desfiavam elogios ao projeto liderado por Ciríaco. “O Sarau dos Mesquiteiros mudou a minha vida por completo. Pode parecer exagero falar dessa forma, mas quando entrei era apenas uma criança. O Sarau me deu voz.

Trabalhou em mim meus medos, inseguranças e me fez ser uma jovem forte e corajosa”, diz Lana. Vitória, por sua vez, descobriu autores que escrevem sobre uma realidade bastante semelhante à que vive. Notou que “o machismo e as questões que nos perseguem durante toda a vida podem ser transformadas em arte” e passou a admirar nomes como Luiz Ribeiro, Bell Puã e Pam Araújo.

Literatura que dá vida

Professora da Universidade Federal do Espírito Santo e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, Kiusam de Oliveira tem uma carreira dedicada à pesquisa e à formação de novos leitores. Ela explica que o prazer pela leitura é algo processual, construído paulatinamente, que deve ser preferencialmente plantado pela família, mas que também pode nascer da ação de mediadores como os que apresentamos. “A postura proativa dessas figuras com relação ao livro tem sido essencial para que as pessoas despertem o desejo de se aproximarem dos livros ou se afastarem deles”, comenta.

Na visão de Kiusam, uma das travas no processo de fazer com que crianças e jovens se apaixonem pela literatura é a distância que muitas vezes existe dos próprios livros, rotineiramente mantidos distantes de seus potenciais leitores. “O livro é para ser manuseado, apalpado, cheirado, lido. É para estar próximo das crianças, jovens e adultos para que sejam usados na hora que precisarem. Livro precisa ter valores mais acessíveis: o desejo de ler não pode estar associado à necessidade de guardar dinheiro para ir ao trabalho e ser gasto com transportes urbanos.”

Como já apontado por outros entrevistados, o conteúdo também é um fator decisivo. “Talvez aqueles livros estabelecidos como os clássicos não despertem o desejo de leitura dos jovens, uma vez que questões próximas às realidades contemporâneas ficam de fora e as pessoas não conseguem se ver de forma diversa e próxima de suas realidades. O valor de um livro deve estar em sua escrita potente e plural, que reivindica espaço entre os clássicos porque, também legítimo, apresenta, em seus diversos temas, a diversidade nacional. Afinal, representatividade importa sim, inclusive na literatura.”

“O livro é para ser manuseado, apalpado, cheirado, lido. É para estar próximo das crianças, jovens e adultos para que sejam usados na hora que precisarem.”

Kiusam de Oliveira

O impacto de todo o movimento em prol de jovens leitores pode ser percebido, uma vez mais, ouvindo os próprios jovens. Bonafé é fã de Paula Pimenta, foi fortemente impactado por *Paris é uma festa*, de Hemingway, e leva *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, num canto do seu coração. “A literatura é indispensável na minha vida. É o meu lugar seguro. Nos livros encontrei pessoas iguais a mim e comecei a entender os diferentes, não existe nada mais mágico.” Daldupo, por sua vez, afirma que “a literatura não é importante na minha vida, ela é parte da minha vida”. O garoto ainda atribui aos livros toda a “construção” de sua “subjetividade”.

Vitória se tornou fã incontestada de Manuel Bandeira, embasbacou-se ao ler *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, e descobriu em Marçal Aquino seu livro favorito: *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*. “Com a literatura eu consigo aprender muito sobre o mundo, sobre as outras pessoas, mas consigo apren-

der principalmente sobre mim. Acredito que a arte e a literatura transformam.” Lana, enfim, lembra uma frase de Anna Todd (“Se você não é afetado de alguma forma, mesmo a menor possível, não está lendo o livro certo”) para falar sobre a importância da literatura em sua vida. “Os livros me moldaram, me ensinaram. Cada leitura é uma desconstrução e reconstrução, uma pequena mudança. A leitura tem um papel essencial na minha vida justamente por me dar vida, destino, por fazer com que eu me encontre a cada história.”

Ao cabo, a grande questão não deveria ser se o jovem brasileiro lê ou não, mas como aprender com os jovens leitores a encantar com a literatura aqueles que ainda não se apaixonaram pelos livros.

Rodrigo Casarin é jornalista e

edita o *Página Cinco*, blog de livros do

Uol. Já colaborou nos veículos *Valor*

Econômico, *Carta Capital*, *Suplemento*

Literário Pernambuco, *Aventuras na*

História e *Jornal Rascunho*, escrevendo

principalmente sobre o universo literário.

É autor do livro *Punk: o protesto não tem fim* (com Igor Antunes Penteado). Em 2018,

integrou o júri do *Oceanos* – Prêmio de Literatura em Língua Portuguesa.

“Se você não é afetado de alguma forma, mesmo a menor possível, não está lendo o livro certo”
Anna Todd





Rodrigo Casarin entrevista
o escritor Samir Machado
de Machado

Entre Virgílio e Dumas

Autor de livros como *Homens elegantes* e *Quatro soldados*, o gaúcho Samir Machado de Machado, 37 anos, tem como marca mergulhar na história do Brasil para construir narrativas repletas de ação. *Tupinilândia*, seu romance mais recente, oferece ao leitor uma aventura em meio à Floresta Amazônica pontuada por elementos dos anos 1980 capazes de despertar nostalgia em quem viveu o período da redemocratização. A convite da *Palavra*, Samir falou um pouco sobre o seu trabalho.

Seus livros são fortemente influenciados pela cultura pop. Em *Tupinilândia* há referências a filmes como Parque dos dinossauros e elementos icônicos dos anos 1980. Por que essa opção?

Toda a literatura pós-moderna dialoga com o histórico cultural que a antecede. Eu fiz uma opção por contar histórias de ação e aventura, então carregou comigo as marcações culturais da minha formação. No caso, a cultura popular dos anos 1980, dos livros de Pedro Bandeira e da coleção Vaga-Lume, dos quadrinhos de Pato Donald e Tio Patinhas, e dos filmes de aventura de Spielberg. Como costume dizer, depois da Eneida, de Virgílio, não existe literatura sem influência.

Há quem o aponte como o elo entre os autores que escrevem para jovens e aqueles que escrevem para adultos – ou que escrevem apenas livros sisudos mesmo. O que você pensa disso?

Essas classificações estanques me incomodam. A ideia de livros “para adultos” e livros “para jovens” é apenas uma forma (pouco) velada de elitismo. Ainda mais numa sociedade onde um homem adulto de classe média ainda é chamado de “garoto” aos 40 anos, mas se for de periferia já é adulto aos 16. Qual a idade certa do leitor de *Moby Dick*, *Duna* ou *Sherlock Holmes*? Alguns descobrem *Crime e castigo* aos 16, outros vão descobrir *Steven* ou *Conan Doyle* aos cinquenta.

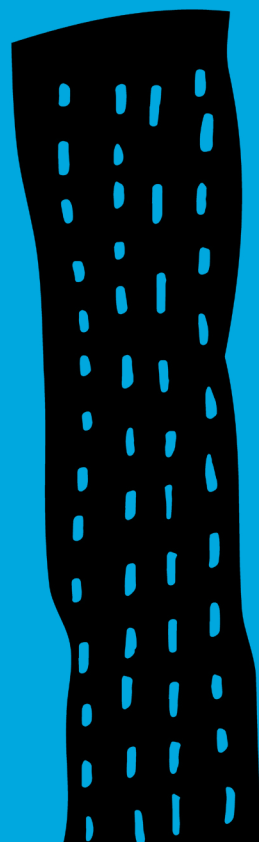
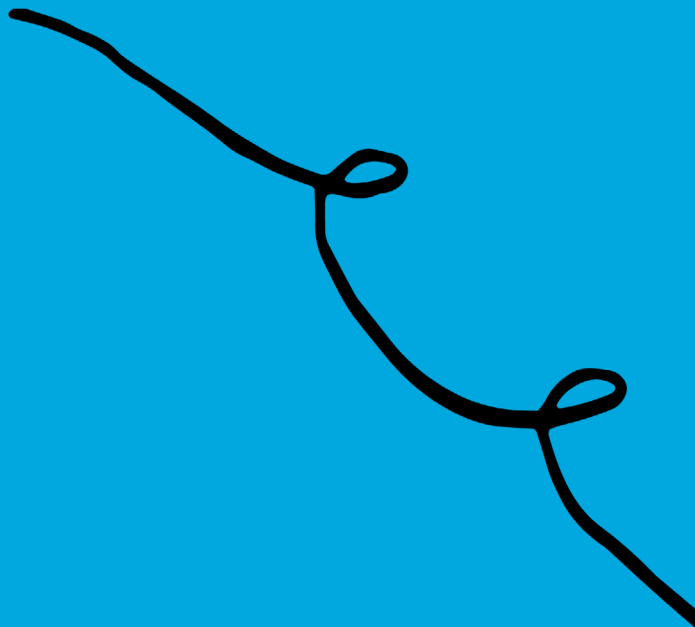
Certa vez, uma frase que você disse me chamou a atenção: “Tem muita gente preocupada em ser Balzac e esquece de ser Júlio Verne”. O que isso acarreta?

É a impressão que tenho de que grande parte da literatura brasileira atual se dedica muito à criação de retratos realistas de recortes da sociedade e pouco a criar a literatura de imaginação que forma leitores. A frase em si não é minha, mas não lembro onde li. A qualidade é o resultado natural da superprodução, suponho, mas talvez haja um déficit na produção de Dumas, Vernes e Conan Doyles brasileiros. E quando a nossa realidade cotidiana se torna cada vez mais surreal, apenas retratar o momento atual não basta, é preciso uma literatura de imaginação que nos forneça possibilidades de interpretações. Não é à toa que *1984*, do Orwell, estourou em vendas com a eleição de Trump.

Homens elegantes e *Quatro soldados* se passam no século XVIII. Quão interessante pode ser esse passado mais distante para um jovem de hoje?

Exatamente pelo tanto que ele não tem de remoto. O século XVIII foi o século do Iluminismo, da Enciclopédia e do início da modernidade, mas a mentalidade colonial brasileira era retrógrada e conservadora mesmo para a época. E esse contraste do atraso brasileiro com o “mundo lá fora” segue atual. Em *Quatro soldados*, a modernidade vinha colada aos animais fantásticos como um fator desestruturante do conservadorismo. Em *Homens elegantes*, o simples detalhe do protagonista ser gay já faz com que toda a perspectiva da história mude, porque isso naturalmente impõe uma mudança de postura, conforme ele sai da realidade conservadora luso-brasileira para a sociedade inglesa, mais liberal.

Arti go





Nina Rizzi

«Sim, eu não
tenho senão
uma língua,
ora ela não é
minha.»

J. DERRIDA¹

Ao nos aconchegar à escritura literária testemunhamos uma apaixonada travessia *pela* palavra. Costumeiramente, a mim, essa travessia leva a uma outra: a reflexão sobre as possibilidades e limites da linguagem. A leitura por si só é, de alguma maneira, suficiente: na escritura tudo está dito muito exatamente, perfeitamente. No entanto, o amor me detém. O *desejo* de tornar também escritura essa leitura atravessada pelo silêncio e o arrebatamento. A linguagem me afeta e é assim, como um sentimento, que ela chega, um *desejo* do corpo que se não satisfeito faz doer o próprio corpo. Sim, as palavras nos fazem amor, e nos alimentamos de seu leite e seu abismo.

Amo a escritura e é ela que me guia, à sua escuta. Lidas e relidas um sem-fim de vezes, em sussurros baixinhos, alto como num discurso que me fosse salvar a vida, as traduções vão ganhando contornos, chegando *entre* uma e outra voz, da amada e da amante.

Espelhando a travessia impossível/impassável de diferenças, a aporia que ama e aceita a língua do outro e ama a sua própria. A escritura não é apropriada ou tem seus significados fechados e esgotados no trabalho tradutório, tanto tradução como poesia rumam para o intangível. Embora toda tradução seja esse im/possível – impossível escrever com outra língua a mesma língua; impossível mesmo recriar um texto na mesma língua –, do mesmo modo que traduzo porque *amo* e *desejo*, o texto apela por sua sobrevida, “necessária e impossível”; a traduzibilidade é inerente ao primeiro texto, assim como seu desejo por complementaridade linguística que clama por tradução.

Assim, toda tradução que me proponho é uma leitura tentada pelo silêncio. Contudo, não caio na armadilha linguística e supero a totalização da página em branco – é com linguagem que realizamos uma *outra* escritura, um outro original, *A Poema*, uma superação pela poesia, em se inserir num contragrito como sobrevivência da obra que também *desejo* dizer; um pensamento e uma linguagem que, ainda que não consigam expressar uma verdade, uma finalização, buscam resgatar a poética do texto a ser traduzido.

Claro que esta busca não deixa de ser louquíssima. Dou os primeiros passos, caio, estou aprendendo a caminhar. Com o entusiasmo do aprendizado, reergo-me, reergo-nos. Sobrevivemos, interferimos no mundo, na casa da linguagem. No *desejo* das palavras de fluir, não mergulho no silêncio profundo da página em branco, mergulho no desafio da tradução sem medo do impossível; igualmente com uma linguagem à beira do silêncio.

¹DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Tradução Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.



Nina Rizzi é escritora, tradutora, pesquisadora e editora; promove Laboratórios de Escrita Criativa para Mulheres. Autora de *Tambores pra n'zinga* (Orpheu/ Ed. Multifoco, 2012), *A duração do deserto* (Ed. Patuá, 2014), *Geografia dos ossos* (Douda Correria, Portugal), *Quando vieres ver um banzo cor de fogo* (Ed. Patuá, 2017) e *Sereia no copo d'água* (Edições Jabuticaba, no prelo). Apresentou no mestrado em Literatura Comparada a dissertação *Poesia-tradução à beira do abismo: tradução integral da obra poética de Alejandra Pizarnik* (UFC, 2018) e traduziu, entre outros: Susana Thénon, Rosário Castellaños, Jacobo Fijman, Óscar Hahn, Vicente Huidobro, Césaire Pavese e bell hooks, além de publicado versões em espanhol e inglês de diversos poetas brasileiros contemporâneos. Coedita a revista *escamandro* – poesia tradução crítica [<https://escamandro.wordpress.com/>].

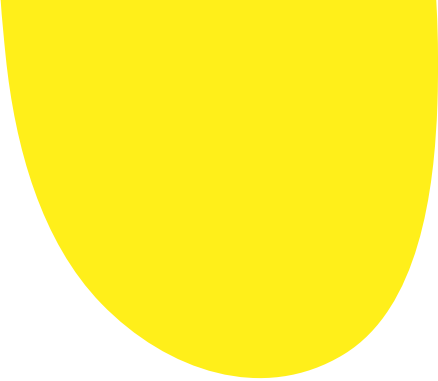
Fabrício Marques

O escritor e a cidade

A imaginação do escritor é ilimitada. Em razão disso, os autores ambientam suas histórias em qualquer espaço ou tempo, até mesmo inventando locais, como a Macondo de Gabriel García Marquez ou o Yoknapatawpha County, de William Faulkner. As possibilidades são infinitas: as narrativas podem se passar no reino do fantástico ou da ficção científica – ou alguém, como Thoreau, pode isolar-se dois anos nos bosques, numa cabana junto ao lago Walden, com o intuito de “sugar toda a medula da vida”.

Mas é nas cidades, onde homens e mulheres vivem suas manhãs, tardes e noites, amores e desencontros, infância e velhice, tédio e assombro, pulsão de prazer e pulsão de morte, que provavelmente os escritores encontram o *locus* por excelência para desenvolver seus romances, novelas, contos, crônicas e poemas. É das casas, ruas, becos e avenidas, da geografia e da arquitetura, enfim da vibração urbana que o escritor extrai o sublime, o imponderável e as epifanias do cotidiano, entre a experiência do visto e do imaginado e o misterioso suor da criação. Rilke, talvez pensando nessa necessidade, afirmou: “Para escrever um só verso, é necessário ter visto muitas cidades, homens e coisas.”

Na cidade o escritor trama, sonha, revolta-se, encontra suas afinidades eletivas, refestela-se ao vento, cria personagens, observa as pessoas,



sozinhas ou interagindo entre si, os rios escondidos debaixo do cimento, enquanto o sol e a lua testemunham o espaço urbano se transformando e transformando quem nele vive. Contada pelo escritor, a cidade revela “20, 40, 30 cidades imprevistas, uma infiltrada na outra”, tal como Rubem Braga definindo o Rio de Janeiro.

No final do século 19, em *The Decay of Lying*, Oscar Wilde contestou Aristóteles: “a vida imita a arte mais do que a arte imita a vida”, ou seja, as qualidades estéticas das coisas da vida só ganham existência a partir do momento em que os artistas as expressam. Se isso faz sentido, só conhecemos de fato a alma encantadora ou devastadora das cidades depois que um escritor apresenta, para nós, sua versão da cidade. Nova Iorque não é a mesma depois de Gay Talese. E o mesmo vale para a Berlim de Joseph Roth, a Lisboa de Saramago, a Paris de Baudelaire, Flaubert e Balzac, a Londres de Charles Dickens, para citar apenas alguns autores e algumas cidades de um vasto repertório (limitado, aqui, ao Ocidente).

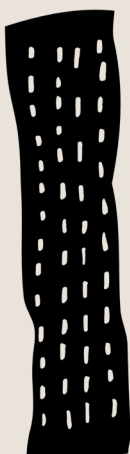
A lista não tem fim: o Rio de Janeiro de Machado de Assis e de João do Rio (que levava a cidade no nome), a São Paulo de Mário de Andrade, a Belo Horizonte de Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, a Curitiba de Dalton Trevisan, a Porto Alegre de Mario Quintana, a Salvador de Jorge Amado, a Ouro Preto que fascinou tantos escritores, e Recife e Sevilha, de João Cabral de Melo Neto – são alguns casos que dão razão a Wilde.

É imperioso que o escritor aproveite ao máximo da cidade, e vice-versa, e muitas iniciativas procuram dar conta desse relacionamento fermentado no ódio e no afeto – nunca na indiferença. No Brasil, uma editora publicou uma coleção justamente chamada O Escritor e a Cidade, com livros como *Paris, os passeios de um flâneur*, de Edmund White. E, na capital paulista, os poetas Reynaldo Damázio e Tarso de Melo criaram em 2017 a oficina “Perambulação urbana e criação poética: passos vastos versos”, com a proposta “de ‘andar à toa’ pelas cidades para fazer com que se revelem os sentidos mais ricos e as possibilidades estéticas da paisagem e da vida urbana”, sob a influência do “caminhar como prática estética”, do arquiteto italiano Francesco Careri.

Enfim, muitas são as portas de entrada para a fascinante aventura que aproxima escritor e cidade. Afinal, quando lemos esses autores nessa perspectiva, a cidade invade o leitor e passa a fazer parte, de forma irresistível, de sua história e de sua memória.



Fabrício Marques é autor do livro *Uma cidade se inventa* – Belo Horizonte e seus escritores (Scriptum, 2015, finalista do Prêmio Jabuti), entre outros.



Pensar o
texto,
consertar o
mundo

Marcelo Labes

Volta e meia a questão das oficinas literárias reaparece causando desconforto entre escritoras e escritores em todo país. De um lado se põe quem defende uma escrita visceral, oriunda de algum lugar entre a alma e o cérebro. Do outro, postam-se defensoras/es de manuais de escrita alegando que literatura se faz com técnica mais do que com inspiração. Sem falar do terceiro grupo, os empreendedores da literatura – cujos cursos prometem a desavisadas/os a autoria de *best sellers* e sucesso imediato. Tabu em muitas conversas, as oficinas de escrita merecem toda nossa atenção. Em janeiro de 2019, o assunto novamente veio à tona quando a escritora Maria Valéria Rezende¹ questionou se o aumento percebido de oferta de oficinas seria uma utopia (afinal estaria havendo um maior interesse por questões literárias) ou uma distopia, sinal de que temos mais aspirantes a escritoras/es do que leitoras/es, de fato. Rapidamente surgiram defesas apaixonadas e críticas retumbantes às oficinas literárias.

Quem nega a importância de oficinas de escrita parece acreditar na genialidade criativa (ou numa libertação) que nos leva para além dos limites da escrita e nos livra da necessidade de encontros que discutam maneiras de escrever uma boa história, um bom poema. É uma forma de demonstrar desprezo pela técnica, colocando a literatura acima das demais artes, nas quais é sempre preciso exercitar-se à exaustão – no teatro, na música, na dança, na pintura, na fotografia – para alcançar domínio de determinada linguagem.

Oficinas de escrita devem servir para mais do que *aprender a escrever*, seja para que aspirantes a escritoras/es tenham contato com técnicas diversas (que poderão lhes ser úteis ou não), seja para que se permita surgirem as vozes das periferias culturais do país. Uma oficina não deve ser apenas uma *aula* com dicas de escrita, mas um espaço de reflexão sobre a literatura em seus mais diversos níveis. Uma

excelente oportunidade para se pensar a produção literária de um lugar e sua relação com a “literatura nacional” produzida nas metrópoles brasileiras.

Também é verdade que uma oficina deve proporcionar contato com textos de autoras/es maduras/os cujas obras precisam ser conhecidas. Escritoras/es devem ser, antes de tudo, grandes leitoras/es. Além disso, ótimos livros podem surgir desses encontros. Aline Bei,² vencedora do Prêmio São Paulo em 2018 com *O peso do pássaro morto* (Editora Nós, 2017, São Paulo), conta que o romance tomou corpo durante uma oficina-concurso de Marcelino Freire.

Entre críticas e elogios, as oficinas de escrita têm ganhado cada vez mais público. No momento conturbado em que vivemos, mais do que nunca os encontros entre pessoas que debatam a criatividade a sério tornam-se necessários e urgentes: para além de almejar *curtidas* e *compartilhamentos*, deve estar claro a autoras e autores que pensar o texto deve ser também uma forma de pensar o mundo, resolvê-lo (através da escrita), e dar aporte para que o consertemos no plano da realidade.

1 Publicação no perfil da autora no Facebook em 7 de janeiro de 2019.

2 Entrevista realizada por mim com a autora em 11 de fevereiro de 2019.



Marcelo Labes nasceu em 1984, em Blumenau-SC, e hoje reside na capital Florianópolis. É autor de, entre outros, *O filho da empregada* (Hemisfério Sul, 2016), *Trapaça* (Oito e meio, 2016), *Enclave* (Patuá, 2018) e *Paraíso-Paraguay* (Caiaponte Edições, 2019).

Márcia Wayna Kambeba

Literatura indígena: o desenho do pensamento transformado em arte da palavra

O rio que nasce límpido no seu percurso caminha levando sedimentos pesados e leves. Ao depositar em uma determinada margem forma bancos de areia contribuindo com a vida. A literatura segue o curso do rio, levando informação, anunciando, denunciando, ecoando vozes da floresta, vozes ancestrais. Os povos indígenas desde séculos passados ensinam pela oralidade. Com o contato e o aceleração do crescimento demográfico os povos tomaram conhecimento da escrita e desde então usam como resistência e informação na aldeia. Mesmo assim fazem uso da persuasão para fazer valer um acordo firmado pela arte da palavra como era antes do contato.

A educação indígena na aldeia é percebida no dia a dia, do amanhecer ao anoitecer. Nesse processo de ensino-aprendizagem, os idosos têm um papel importante, pois eles são considerados os guardiões do conhecimento ancestral. Ouvir as narrativas é o mesmo que abrir um livro sendo escrito pelo tempo em letras que flutuam na memória. Até que o ancião termine de contar as narrativas ninguém o interrompe, as crianças

parecem atentas a cada palavra, gesto, e não se ouvem reclamações se a conversa está demorada ou não. Porque sabe-se da importância dessa transmissão de saberes.

A literatura indígena torna-se resistência para as futuras gerações. Hoje, os livros produzidos nas aldeias ou na cidade por indígenas contribuem com essa didática de trazer à luz da escrita o que pensam os povos e como querem ser percebidos. Pelo seu olhar buscam informar na intenção de minimizar o preconceito que ainda é latente e torna-se um entrave para a caminhada nos dois universos que são aldeia e cidade.

Pensar a literatura hoje como ponte que liga esses universos é importante para se construir uma relação de proximidade e aprender numa visão de mundos. A literatura dentro da aldeia faz com que a nova geração tenha como regis-



trar as informações que os mais velhos conseguem transmitir e esse registro toma forma de palavras que é para os povos o desenho do pensamento. A escrita indígena tem cheiro de aldeia, sabor de liberdade, cor de esperança e continuidade.

Aumenta a cada dia o número de escritores indígenas no Brasil utilizando os vários estilos literários o que motiva as novas gerações a pensarem formas de contribuir com a arte da palavra dos povos originários. Nasce uma nova geração de escritores que utilizam as redes sociais, meios de comunicação para fazer o caminho da volta e informar sem agredir, mostrando que a opinião ora percebida sobre sua cultura sempre esteve equivocada desde a pressuposta “colonização”.

Nesse novo tempo a literatura procura desmistificar a imagem de “índio”, de “bom selvagem”, de “tribo”. Temos alma, somos descobridores de uma “terra sem males” e moramos em aldeia. Não somos “índios” somos povo originário e cada povo reconhece seu nome de nação, por exemplo: Kambeba, Kayapó e assim seguem os demais povos existentes no Brasil Pindorama. E dessa forma busca-se fazer da dor uma escada que leva a novos horizontes onde quem sabe um dia chegaremos à “terra sem males”, por tempos habitada nesse solo tão rico em cultura, diversidade e natureza. A ONU declara 2019 como o ano das línguas indígenas. Que a arte da palavra pela literatura venha quebrar as correntes da dor, da desinformação que fazem ver a cultura indígena com olhos de des-caso e preconceito. E que a literatura indígena possa adentrar as salas de aula da cidade para fazer união.

“A educação indígena
Começa na primeira idade,
Segue os padrões da
natureza,
Segue o tempo dos
ancestrais,
Aprendem com o rio,
Aprendem com os
animais.”

MÁRCIA WAYNA KAMBEBA

Márcia Wayna

Kambeba é mestre em Geografia, especialista em Educação Ambiental, escritora, poeta, compositora, cantora, palestrante, educadora, fotógrafa, ativista indígena. Desenvolve trabalhos culturais acerca de música, poesia, contos e formação para professores, oficinas e sarau, com atuação no Brasil e no exterior. Lançou em 2018 dois livros *AyKakyriTama – Eu moro na cidade* (2ª edição) e *O lugar do saber*.



*Katherine
Funke*

*Nivaldo
Tenório*

*Raphael
Montes*

*Reginaldo
Pujol
Filho*

Con
to

Katherine Funke

O dia em que aconteceu o que tinha que acontecer

*“A revolução somos nós”
Joseph Beuyes*

O dia em que aconteceu o que tinha que acontecer foi ontem. Ontem de tarde. Como sempre, Oscar nem mesmo telefonou. Só apareceu, sem mais nem menos, estacionou a moto, foi até a janela da sala e chamou Maria. Nunca dizia o nome dela. Assobiava. “Fiuíí?”

Ela estava sozinha em casa, entretida com um filme. Sábado era seu dia de folga. O filme era bom. Oscar precisou assobiar de novo, mais alto. Da janela, ela viu aquele cara lindo, cabelo comprido, barba e bigode, olhos claros, ardentes. O Tigre. Parecia muito com Leon Russell, quando ele era jovem.

“Vem cá, vem?”, ele disse, sorrindo.

Maria fez um rápido cálculo mental. Fazia agora dois meses sem encontros, notícias ou telefonemas. Seus quatro anos de

relacionamento eram feitos de mais ou menos três anos de silêncio, de intervalos como aquele, às vezes mais longos, interrompidos sem aviso. Oscar, contudo, dizia na orelha dela, depois de fazerem amor, que o que havia de mais importante na vida eram aqueles poucos instantes juntos, momentos únicos em que poderiam fugir para uma dimensão própria, apenas deles, “só você e eu, meu benzinho”.

Quando estavam juntos, estavam juntos, e quando não estavam, ela não deveria pensar nele. Era assim que deveria ser. Mas é claro que Maria pensava, e muito. Já tinha descoberto que o Tigre, talvez por ser um excelente agente policial, não deixava rastros em lugar algum. Sumia e aparecia quando queria. Selvagem e simples assim.

Como agora. Ele do lado de fora, pronto, só esperando. Rápida, Maria pegou uma pequena mochila e juntou roupa suficiente para passar a noite fora. Lembrou de novo que, da sua família, dos seus amigos, ninguém conhecia Oscar. Se ela sumisse, ninguém saberia aonde ela foi. Ou com quem. Mas não havia perigo. Havia?

Nem ela sabia exatamente com quem estava. Sabia que Oscar não era o nome verdadeiro dele. Uma vez, encucada, ela conseguiu mexer na carteira dele e ver uma parte de seus documentos. Viu que o primeiro nome dele era Yuri. Anotou o nome completo, o CPF, a data de nascimento. Checou na internet. Não havia ninguém com aqueles dados e o CPF era dado como inválido.

Perigo? No fundo, aquilo caía no estômago como algo bom, um sonho em que ela podia ser feliz, às vezes de carne e osso, às vezes só de lembranças. Subiram na moto e pegaram uma rodovia ladeada pelo mar. Por quarenta e cinco minutos, ela se agarrava ao corpo dele e sorria. Yuri, Oscar, e daí? Tanto fazia: Tigre, pronto. E estavam indo em direção ao Norte.

De Leon Russell, o Tigre só tinha a cara. Careta, nem cigarro trazia.

De repente, pararam. Oscar explicou que ali era uma ponta de praia quase deserta. Desceram. Tiraram os capacetes. Eram da mesma altura, os dois, e se beijaram. Por muito e muito tempo. Primeiro com delicadeza, depois com saudade. O sol tornava tudo ainda melhor.

Desceram para a praia. Estava calor. Ele se livrou da jaqueta e da camiseta. Tinha uma pele muito branca, peluda, sem tatuagens. Maria ficou como estava, com a mochila nas costas. Ficaram olhando o mar em pé, abraçados. Ele falava umas coisas gostosas de ouvir e fazia carinho no corpo dela por baixo da jaqueta. Maria tentava esvaziar a cabeça.

Mas ela não parava de pensar no tempo que ele passava fora, sem dar notícias. Mais esquisito ainda era – agora ela notava, como num estalo – que todas as palavras de amor que ele dizia eram clichês. E ele nunca adicionava o nome dela, como se tivesse medo de errar, de colocar outro nome ali. Isso a incomodava deveras. E quando ele citava um poema, era sempre o mesmo verso de Fernando Pessoa.

De Leon Russell, o Tigre só tinha a cara. Careta, nem cigarro trazia. Quando ela decidiu tirar da mochila o material para preparar um baseado, hábito que tinha adquirido no verão anterior, em Barcelona, ele simplesmente jogou toda a erva na areia. E riu, pisando e misturando tudo. Foi então que, como se despertasse do sonho, Maria pediu para voltar pra casa. Ele estalou a língua na boca.

“Ná, ná, não. Não posso te levar, benzinho. Pega um ônibus, um desses amarelos que passam aqui na orla, tá bom? Vou ter de pegar essa estrada para o Norte daqui a pouco.”

Ela não disse nada. Ele continuou.

“Vai ser uma noite agitada. Uma boa noite de trabalho contra esses traficantes que te viciaram, que te deixaram assim, tão burrinha.”

E deu dois socos leves no alto da cabeça dela, com a mão fechada, como se batesse duas vezes em uma porta. Socos leves. Leves. Leves? Doeu. Maria pensou em protestar ponto por ponto daquela reação absurda. Mas o Tigre grunhiu algo sobre ir ao banheiro e caminhou na direção de um restaurante do outro lado da rua.

Maria esticou o pescoço para o outro lado. Um ônibus amarelo começou a deslizar lentamente pela rodovia e parou. Maria não precisou fazer cálculo mental algum. Correu e sorriu para o motorista.

E foi só. De longe, depois, talvez o Tigre tenha chorado escondido. Ou, ná, ná, não.

É um homem misterioso demais para sabermos.



Katherine Funke

é mestre e doutoranda em Literatura pela UFSC, com pesquisa em torno de ficção e biografia. Publica zines e livros pela Micronotas, editora que fundou em 2017. É autora de seis livros, entre contos, poesia e romance. Personalidade Literária 2017 da Academia Catarinense de Letras e Artes.

excesso

Nivaldo Tenório

Conheci o pivete na academia. Na semana seguinte tomamos outro suco e eu achei de conversar sobre meu marido. Duzentos quilos? Ele não podia acreditar.

Saímos por todo aquele verão.

Minha filha sempre foi doida pelo pai. Lembro-me de Serena, a vizinha, me perguntando se isso não me causava ciúmes. Imagina, Serena, eu disse, de onde você tirou isso, mulher, de jeito nenhum, além do mais, ela me ajuda, lava e passa. Como eu nunca almoço em casa, também não me preocupo com comida, e era mesmo uma graça ver aquele pinga de gente manipulando, cortando.

Eu sei o que aconteceu. Foi uma metamorfose, você não acha? Veja aqui, é ele na foto. Parece o mesmo homem? Era bonito, funcionário público, instruído, até me incentivou a fazer Pedagogia. No final não deu, a gravidez veio antes, os cuidados com a criança, mas não reclamo, Deus escreve certo, não é assim que Deus escreve?

No primeiro ano ganhou dez quilos e tudo bem que ficasse só nos dez, mas no ano seguinte foram vinte. Assim não, meu filho, eu dizia a ele, e eu, como fico? Eu vivia pra comprar roupas e não é todo mundo que costura para gordos, só os antigos alfaiates, você imagina, nada barato, mas comprava, preocupada com o corte, o ajuste, incomodada com as trinchuras, bizarrices, pois eu sei o que falam de mim, mas não gosto que chamem meu marido de cururu. Se ria com eles, fazia por educação.

Eu sei o que
aconteceu.
Foi uma
metamorfose,
você não acha?

Eu soube me cuidar, meu corpo sempre gostou de academia, endorfina, atenção.

No casamento de nossa filha foi um vexame. Cadeiras são feitas pra gente, eu disse a ele, e nem pensei em ajudar, quem pode, meu Deus? ninguém; foi preciso o Exército. Tanta gente solícita e educada. Deixe que riam, não têm olhos suas costas, afinal é bondosa a ralé, ao menos com aqueles que lhes pagam bebidas.

Há anos ele não sai mais. Festas, pior. Quanto a mim, não vou a festas: realizo festas. O rapaz da academia não é mais um menino.

Estou saindo com outra pessoa, eu lhe disse.

Eu não me importo em dividir a série com outro.

Sua barba arranha e faz cócegas.

Os pesos são todos iguais.

Há anos que ele está deitado. Mas sei que continua lá, ruma, é um boi e com o tempo tornou-se o mais melancólico dos homens. As costas, as escaras de decúbito, a carne viva.

Como aguenta?

Serena me disse que eu o exauria. Você só pode estar brincando, Serena. Outra noite em que a encontrei na cozinha parecia triste como um dia cinza. O que foi, Serena?

Nada.

O câncer levou o marido, restou-lhe o filho com paralisia cerebral.

Serena das virtudes de Jó.

Às vezes não sinto as pernas, dormentes.

Não deve ser nada, sente-se aqui, e ela se sentaria se a mandassem sentar num formigueiro. Não tem apetite, é magra. Você precisa comer, mulher, de onde vem sua força? Nela tudo é minúsculo, menos as saias e ganas de cuidadora. Você não tem de passar tanto tempo no quarto.

Não se preocupe com a casa, eu digo a ela, já bastam as pomadas, os banhos, o intrincado acionamento da cama. Serena traz o filho debiloide e os três juntos são um retrato na parede.

Vamos fazer 20 anos de casados. Não vai ter festa. Exagero. 270 quilos. As pernas quase não dobram, é um sacrifício, e é por isso que tive de encomendar, não gosto, mas gastei, é meu marido, o pai da nossa filha. Mandei instalar no antigo quarto da menina. A cama tem um painel elétrico para as posições. As dimensões são excelentes para um solteiro, 203 cm de comprimento e largura de 88 cm. A altura

Raphael Montes

Sorte grande

Casar com Douglas foi um ato de desespero. Ou de redenção, não sei. Eu já estava fazendo trinta anos, o senhor entende? E chega uma idade em que a gente precisa dar um rumo pra vida. As pessoas são cruéis. As pessoas comentam. Lucia vai morrer sem ninguém. Lucia é independente. Cadê seu namorado que conhecemos na última festa, querida? Difícil suportar.

Conheci e namorei Douglas em um mês. Eu não gostava dele. Ele chupava uma bala de tamarindo fedida cujo cheiro impregnava na língua. Odeio tamarindo. Mas ele tinha um monte delas no bolso. E sempre as chupava. Chupava e me oferecia. Nunca aceitei.

Também nunca aceitei seus carinhos, presentes, perguntas ou sorrisos. Eu fazia cara feia e reclamava de tudo. Jamais fingia orgasmo. Em minha defesa, devo dizer que nunca fui falsa com ele. Mas Douglas sorria. Sorria e dizia gostar daquele meu jeito. Você é muito sincera, Lucia, mas amo você assim. Vai entender. Amava mesmo.

Nunca fui falsa comigo também. E isso me consola. Sabia que não seria feliz. Mas estabilidade é mais importante do que felicidade, não acha? Aceitar a aliança de Douglas foi como assinar um tratado de monotonia. Nos casamos e fomos morar em Copacabana. Ele acordava às seis e saía para comprar jornal. Caminhava no calçadão e comprava balas de tamarindo numa mendiga da praça Inhangá. Jogava na loteria com a mesma sequência numérica (as datas de aniversário da mãe e do pai – que Deus os tenha). Voltava com um livro velho comprado no sebo lá perto de casa. Passava o café, refastelava-se na poltrona, fazia palavras cruzadas, chupava as malditas balinhas. Quarenta anos se passaram assim, sem eu me dar conta.

No início, era mais fácil. Ele trabalhava no Banco do Brasil e só voltava de noite. Eu podia ficar em casa e ver tevê sem ouvir o tilintar irritante da bala de tamarindo batendo em seus dentes, sendo revolvida pela língua, prendendo-se no céu da boca. Com a aposentadoria, todos os dias eram como o domingo. A rotina matinal se repetia de tarde e de noite. E a casa se entupia de jornais, bilhetes de loteria, livros velhos e balas de tamarindo. Um cheiro agri-doce e poeirento dominava os móveis. Mas eu estava disposta a viver assim. Tinha aceitado minha sina. Aos setenta anos, a gente já não quer mais mudar as coisas. Temos o consolo de que falta pouco para acabar. Basta ter paciência.

Douglas me surpreendeu uma única vez na vida. Quando acordei, ele não estava na poltrona, fazendo palavras cruzadas e chupando balas de tamarindo. Em vez disso, enchia uma mala velha com mudas de roupa e alguns documentos. Assustou-se quando me viu acordada, mastigou uma bala de tamarindo e murmurou:

- Vou embora.

Pensei que estivesse sonhando. Douglas não se deteve e passou o zíper na mala quase vazia.

Douglas me surpreendeu uma única vez na vida. Quando acordei, ele não estava na poltrona, fazendo palavras cruzadas e chupando balas de tamarindo.

- Conheceu alguma garota novinha? – perguntei. Não estava com ciúmes, só queria entender.

- Não conheci ninguém. Apenas não quero mais te fazer infeliz.

Depois de quarenta anos? Eu quis perguntar. Levantei-me da cama e fui ao banheiro lavar o rosto. Nada fazia sentido. Quando voltei, a mala já estava na soleira da porta.

- Não vai levar seus livros e jornais velhos?

- Se puder empacotá-los, busco depois.

- E as balas de tamarindo?

- Pode jogar fora.

- Vai deixar o apartamento para mim?

- Não seria capaz de tirá-lo de você. Pode ficar com o Fusca também.

Jogou o molho de chaves sobre a poltrona em que se sentara por quarenta anos.

- Vai ficar onde?
- Na casa de algum amigo.
- Você não tem amigos.

Ele sorriu, embaraçado, mas logo retrucou:

- Ficarei em algum hotel então. Copacabana é cheio deles.

A velhice deve estar me deixando um tanto lerda. Demorei a concluir o óbvio. Pedi um instante a ele e fui à cozinha. O jornal do dia estava sobre a bancada da pia, como sempre. Alguns hábitos não se perdem. Confirmei os números da loteria. As datas de nascimento dos pais dele. Vinte milhões acumulados.

Peguei o revólver velho guardado na cômoda do nosso quarto e dei três tiros no peito de Douglas. Quando o sangue saiu, cheirava a tamarindo. Ao revolver seus bolsos, encontrei o bilhete premiado. Rasguei-o antes da polícia chegar. Não queria o dinheiro. Os jornais me chamaram de velha maluca. Me colocaram em prisão preventiva como se eu pretendesse fugir para algum lugar. Não quero fugir. Sou paciente. Logo que cheguei na cadeia, fiz duas amigas. São meninas moças, simpáticas, mas lésbicas. Gostam de mim e me trazem presentes. Parece ironia: essa semana, me ofereceram balas de tamarindo. Numa provocação a mim mesma, aceitei provar. E quer saber? Gostei.



Raphael Montes nasceu em 1990, no Rio de Janeiro. Escreveu os romances *Suicidas*, *Dias Perfeitos*, *O Vilarejo* e *Jantar Secreto*, sucessos de público e de crítica, traduzidos em mais de 20 países e com os direitos de adaptação vendidos para o cinema. Além dos livros, Raphael apresentou um programa de literatura na TV Brasil e foi colunista semanal do jornal *O Globo* por dois anos. Atualmente, também escreve roteiros para TV e cinema, como *Praça Paris*.

Reginaldo Pujol Filho



Notas para o pequeno livro das distopias

Nº 12 É uma época definida por condomínios horizontais fechados com toda a infraestrutura, de compra a hospitais, intramuros. As neourbes. É raro, em geral ocorre apenas por motivos familiares ou extravagâncias como aventurar-se a jantar em um restaurante de um chef ousado que insiste em manter-se no velho mapa, mas há citizens que saem vez ou outra das neourbes em seus blindados.

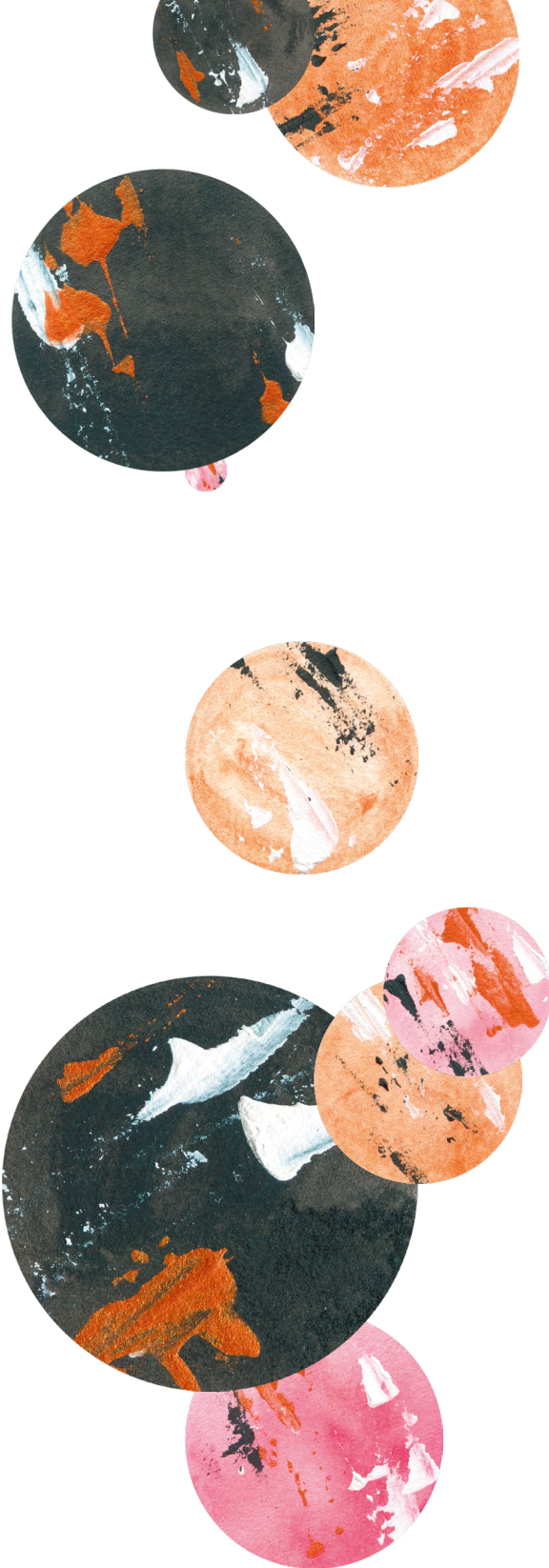
Digamos que tenha sido o Carlos quem deixou os muros sem saber que hackers sabotaram a rede GPS, fazendo o veículo de Carlos autoconduzir-se para uma emboscada de um

bando de outwalls. Digamos ainda que o bando retorna com Carlos para a neourbe. São dois outwalls no veículo com ele. E mais quatro em um automóvel que Carlos registra na cota de parentes. Acessam a neourbe. O bando leva tudo o que pode da casa de gramados verdejantes do citizen e também de dois neibors seus. A estratégia se dissemina. O pânico idem. Nunca mais sair das fronteiras muradas? Abolir veículos terrestres, assumir apenas os aéreos? Neourbes em construção anunciam redesenhos incluindo aeroportos nas instalações. Paliativamente, fortificações mais visadas adicionam serviço de escolta para seus citizens e de guardas armados em frente às casas. Sim, os custos para os citizens

sobem um pouco. Mas, ora, agora eles gozam a tranquilidade de poder variar a paisagem saindo cercados e protegidos por homens militarmente armados, escoltados por motos e viaturas. Todos podem desfrutar de jantares em restaurantes exclusivos que insistem em não ter filiais em neourbes, ou podem cometer loucurinhas, como desfilarem no carnaval do Velho Rio. Tudo com a benção de saber que as crianças correm livres pelas ruas, protegidas por guardas particulares treinados nas forças armadas.

Nº 27 É um futuro não muito distante. Em sua sala, o técnico da NASA Joe Shin Jure para: a sonda Voyager 1, lançada em 1977 para viajar continuamente pelo universo, parou de emitir sinais de localização. O trabalho de Shin Ju deveria ser monótono e repetitivo, sem surpresas assim. Ele não lembra nada do protocolo a seguir. Chama os colegas, relata o sumiço. O grupo se aproxima chutando hipóteses (um meteoro, um buraco negro, ou, sonho dos sonhos, finalmente outras formas de vida acharam a sonda), mas algo põe todos em silêncio: por breves segundos, escutam o canto de uma baleia. O burburinho: encontraram a Voyager e acabam de ouvir o Golden Disc, o disco que a sonda carrega com registros sonoros e imagens da Terra. Silêncio. O som de baleias se repete entre chiados. Nada mais.

Anos se passam. Membros de diversas agências espaciais ainda buscam desvendar o sumiço da Voyager. Os trabalhos são interrompidos por um alarme. Talvez seja 2077 o ano em que centenas de objetos voadores maiores que navios de cruzeiro se espalham pelo céu ao redor de todo o planeta, então, Terra. Forças aéreas partem em voos de reconhecimento,



porém já é tarde. É preciso acionar as marinhas do mundo todo: Os OVNI's viraram OSNI's: Objetos Submarinos Não Identificados. E todos eles mergulham ao mesmo tempo nos oceanos, fazendo o nível dos mares subir instantaneamente. Maremotos e tsunamis. Parcela significativa da humanidade e da infraestrutura é arrasada. Não há como reagir.

Tantas catástrofes e cidades abaixo d'água, não é possível unir esforços e identificar o que se passa. Enquanto oceanos cobrem a terra, no fundo do mar, seres muito parecidos com baleias saem dos OSNI's ao encontro de uma grande baleia azul. Dialogam por meio dos sons chamados de canto pelos humanos. Não demora e a humanidade, sem eletricidade, com metrópoles afogadas, fraqueja diante do avanço das águas. E, submarina, surge uma civilização. Cidades nascem ao redor dos OSNI's. As baleias reinam no planeta, até então, Terra. A humanidade, desprovida de estruturas urbanas e de seus avanços técnicos, forçada a viver entre outras espécies, definha. Está em extinção. Alguns humanos são preservados em cativeiro. São criados em cúpulas transparentes de parques no fundo do mar, onde exibem periodicamente suas habilidades de saltos, corridas, cambalhotas, danças e emitem estranhos sons para a entusiasmada plateia de baleias.

Nº 84 É o ano zero. O messias voltou, e a história recomeçou do zero. O messias trouxe muitas coisas boas e ensinou a leitura correta da bíblia. Estávamos lendo errado. A palavra e os valores estavam deturpados. Exemplo: quem nunca pecou que atire a primeira pedra. Agora sabemos: quem segue o messias e a palavra do Senhor, que ele ensinou muito bem, não peca. E todos que não pecam atiram

a primeira pedra, pois têm direito. Ou atiram a primeira bala, que é a evolução da pedra do Senhor, como ensinou o messias, que sabe a leitura certa da palavra. Agora todo cidadão que não peca tem o direito e o dever de ser um policial do Senhor. Um cidadão olhou com cobiça para a mulher de um homem que não peca? Receberá a primeira pedra, ou bala, pois pecou. O Senhor é meu general e nada me faltará, desde que eu mantenha a disciplina, repetimos em escolas, repartições, no dia da nação. O mundo está mais simples e feliz para quem vive reta e honestamente. É fácil viver, pois todos sabemos que o Senhor já dizia: quem não deve não teme. Portanto se, na condição de policial do Senhor, abordo um cidadão e ele demonstra temor, já sabemos: teme, portanto peca, portanto atiramos a primeira pedra, ou bala. Pecadores e injustos estão fugindo para outros países, países que são o inferno na Terra e arderão no juízo final. Ou receberão a primeira grande pedra, ou grande bala, enviada por nós, que podemos e devemos fazer o mundo um mundo melhor, como diz o messias. Amém.

Reginaldo Pujol Filho é

autor de *Não, não é bem isso, Só faltou o título, Quero ser Reginaldo Pujol Filho* e *Azar do personagem*.

Também escreve roteiro de cinema e críticas e ensaios para veículos como *Zero Hora*, *O Globo*, *Suplemento Pernambuco*.

Tem doutorado e mestrado em Escrita Criativa e faz a curadoria da Coleção Gira de literatura de língua portuguesa da editora Dubinense.



Tirinha e Charge



Caeto está no mercado editorial desde 2001. Publicou dois romances autobiográficos pela Quadrinhos na Cia. e fez a adaptação para quadrinhos do livro *A morte de Ivan Ilitch*, de Liev Tolstói, pela Editora Peirópolis. Tem dez livros publicados como ilustrador.

A TERRA ONDE SE COLHEM SERES HUMANOS

CAETO/19



O PEITO REGA

CRIANÇA É UM
BICHO VERDE

ESQUERDA



DA DIREITA

O MUNDO
É UMA ESTEIRA
REAL



AMADURECE
APODRECE

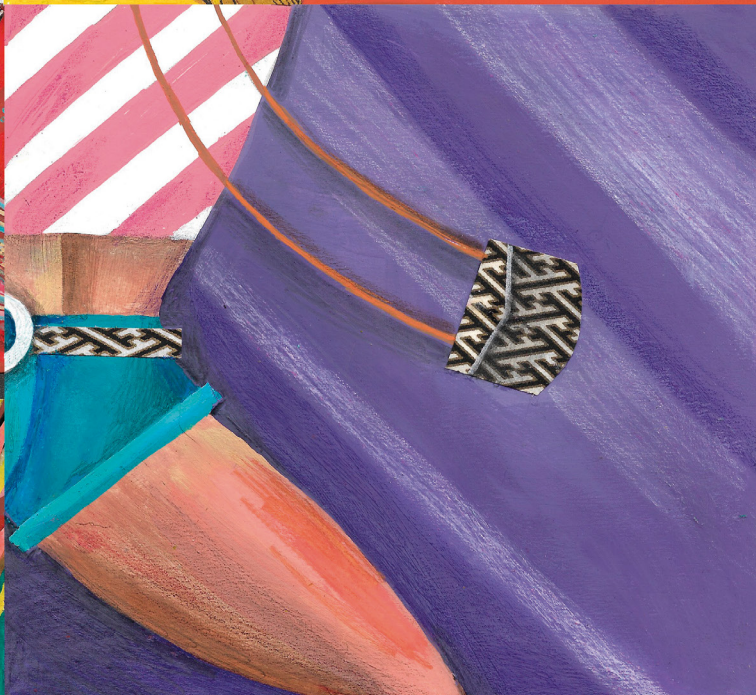


Tirinha e Charge

Anabella López

é formada em Design Gráfico pela Universidade de Buenos Aires. Em 2013, fundou na cidade de Recife a escola Usina de Imagens. Os seus livros já foram publicados na Argentina, Brasil, México, Estados Unidos, Canadá e França.



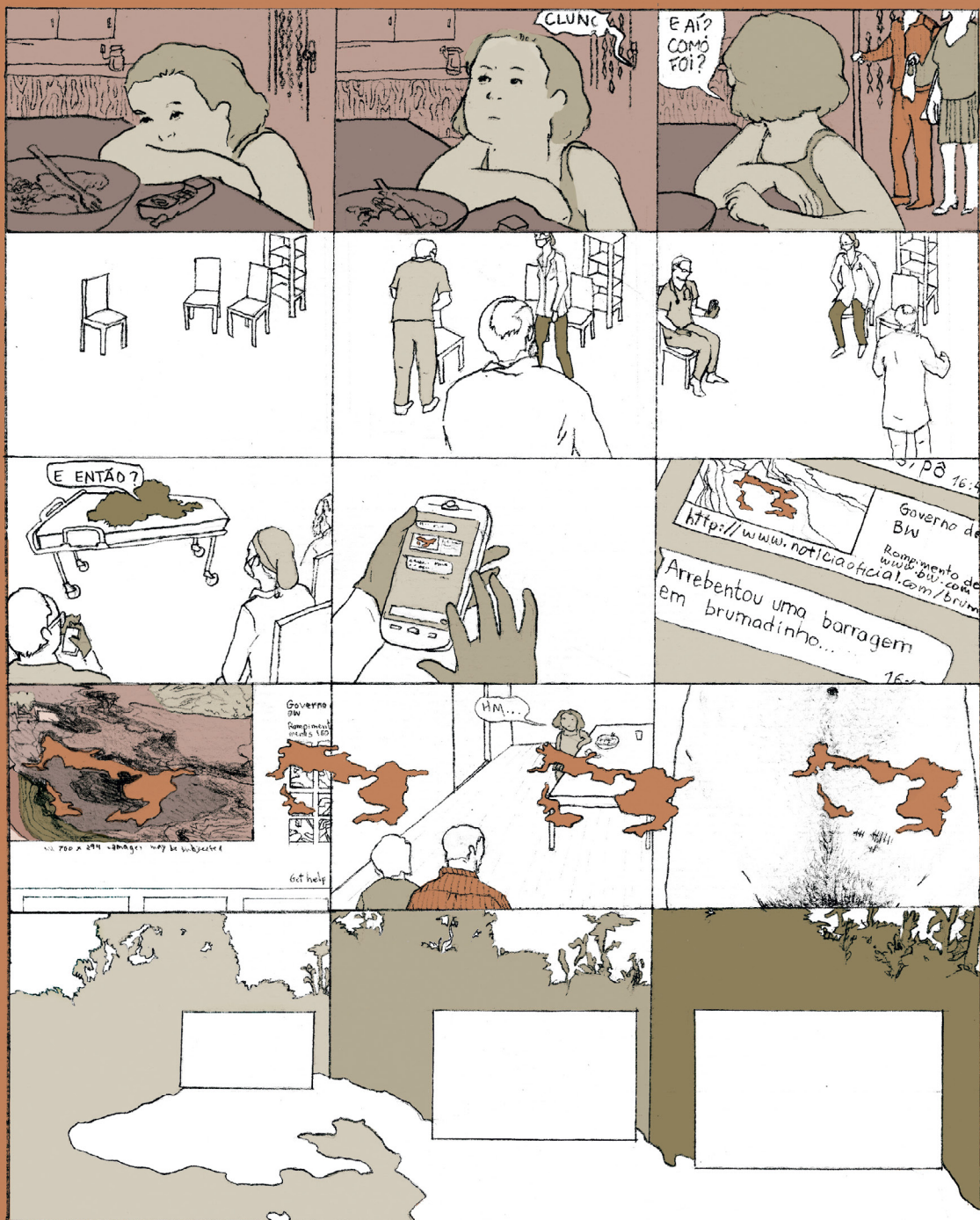


Tirinha e Charge



Mariana Paraizo

nasceu em 1992, Mariana é formada em Artes Visuais pela UFRJ. Desde 2016, ganhou o prêmio Dente de HQ, publicou um livro pelo MIS-SP e participou de coletâneas distribuídas no Brasil, Argentina, Colômbia e Estados Unidos.

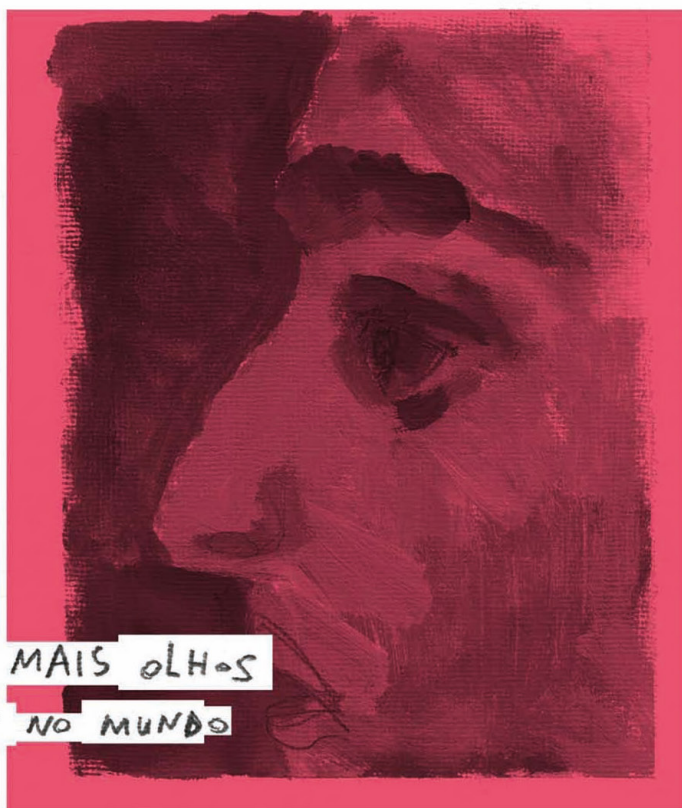
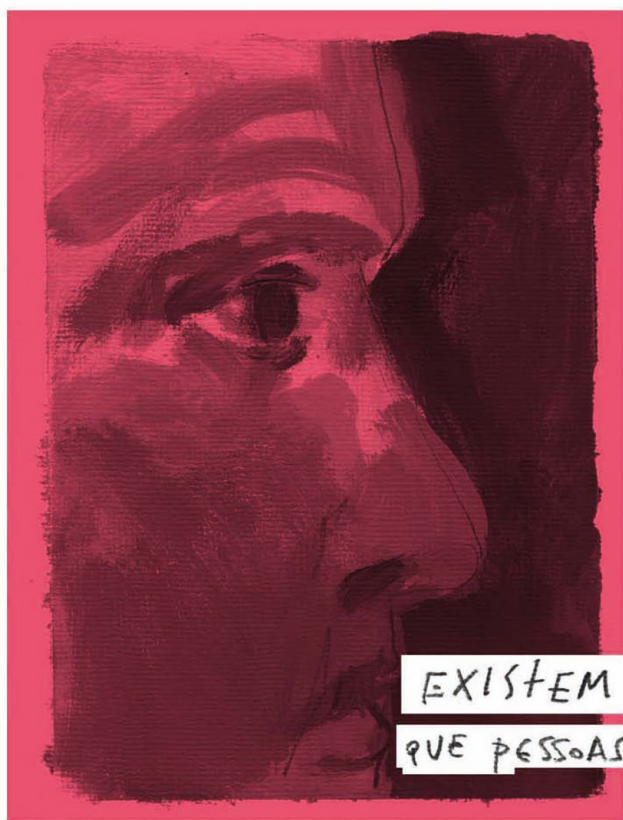


Tirinha e Charge



Renato Moriconi

é artista plástico e escritor. Tem mais de quarenta livros publicados no Brasil e no exterior. Finalista do Prêmio Jabuti 2011 em duas categorias: Melhor ilustração infantil e Melhor livro infantil. Em 2018, o seu livro *Bárbaro* figurou na lista do *The Boston Globe* dos melhores livros infantis publicados nos Estados Unidos.



EXISTEM MAIS OLHOS
QUE PESSOAS NO MUNDO



O DOBRO

Poe ma

Meimei Bastos

como sei que cresci?

tem vez que eu paro
e vejo uma casa uma menina
e eu

por dentro,
ainda que eu me sinta miúda,
por fora,
me faço de grande.

aqui, tudo depende de mim
e não adianta erguer os braços
chorar
ajoelhar
clamar a deus,
não, sou eu e eu.

é 24/24h,
de segunda a segunda.
não tem dia de folga
desculpa
intervalo
atestado

se eu não trabalhar a gente não come
não mora
não veste
não banha

o todo, o tudo depende de mim.
e eu escrevo poemas e sonho
com o mundo.

é como se eu fosse um cão,
cativo num vasto quintal,
acorrentado.
minha coleira
permite que eu me distancie
um pouco
mas não o suficiente
para chegar às flores

chamo de 'a minha maternidade',
a coleira.

porém, agora que tenho que ser grande,
me alegre
alcançar o armário
acender o fogo
trocar o botijão

tirar a pressão
da panela
e não sentir mais medo
do escuro.
afinal,
tem uma criança ao lado
que me chama.
mãe.

não posso falhar
com aqueles olhos

e eu me exijo
não me libero
me repugno
não tenho pena de mim
eu não posso errar.
não devia ser assim.
o mundo nas costas de uma.
eu sei.

se minha filha tem pai?
tem sim. é minha mãe.
não devia ser assim, mas é.
ninguém nos prepara pra isso.

como eu sei que cresci?

quando meu desejo
era voltar
e caber em um colo.

num instante o peso de séculos

uma menina
de braços delicados
olhar profundo
pele cor de ébano.
que
formoso o crespo laço
de seus cabelos!
uma seda ela
toda.

sentada no fundo da sala,
no fundo da história,
me olha
disseca
questiona:
o que você fará por nós?

não sei.
escreverei um poema profético, talvez.
como quem joga
as cartas
lê a borra
e decifra estrelas.

não mais poeta.
profeta
bruxa
macumbeira
e

eu sei do seu futuro, menina!

restabelecerá o passado.
não aquele de sangue e dor.
digo
o dos ouros,
dos tronos,
da realeza.
aquele que te pertence
mas não é contado.

não se envergonhe do manto que te cobre,
nem desfaça por outros a realeza que habita
em seus traços.

seu futuro será trançado
e protegido pelos ancestrais.
confie.
colha da raiz
e
serás rainha, menina.

olugbala

sentada no ônibus
eu o vi
descendo a Catedral,
entre o grau 15° e 20°,
da cidade sonhada.

ele parecia um raio de Sol.
nas minhas vistas,
miragem,
sonho.
ainda que triste
o cenário.

o chinelo gasto,
quase descalço, no asfalto pelando quente,
atravessava o mar de carros.

os vidros, de
súbito, fechavam.
ele olhava
como quem diz:
perdoe-os,
eles não sabem o que fazem.

parecia carregar
a caixa dos milagres do mundo.
oferecia-os como se fossem balinhas,
doces.

cruzou a rua.
contou as moedas.
o vi repartir a água
e o salgado com seus iguais.
sorriam como se fosse banquete
como se a dor jamais fosse voltar.

senti no peito
um desejo tremendo
de pô-lo em meus braços,
de carregá-lo no colo,
de acariciar seu rosto e
massagear seus pés pequenos
e cansados.
pedir-lhe perdão
à inocência roubada.
eu vi
no semáforo,
uma luz.
era Jesus,
e ele era um menino preto.

Meimei Bastos

educadora, coordenadora do Slam. Venceu em 2015 a primeira edição do Slam das Minas do Distrito Federal. Premiada pela Secretaria de Estado e Cultura do Distrito Federal com o prêmio de Cultura e Cidadania, na categoria Equidade de Gênero. Publicou em 2017 o seu primeiro livro, *Um verso e Mei* (Ed. Malê).



Poe ma

aline prúcoli

I

mais-vale cantar o hino

meninas se masturbam ao fundo
o gozo promete explodir
mas a beleza não vem.
nada ainda.
ainda não.
tudo o que está fora: prestes a
e tudo por um fio – de navalha
ou corda bamba.
até agora (mais) uma “bagagem de dejetos”.
[como é que se escreve (isso) mesmo?
como é que se lê (isso) mesmo?
como é que se fala (sobre isso) mesmo?]
como é que se grita mesmo diante da lama?
a lama explícita vulgar obscena imoral, a não-lama.
a personificação da barragem
– culpada criminosa assassina –
rejeitos tóxicos para a mais-valia da morte.
e enquanto um “nada ainda” e um “ainda não”
as qualidades não encontram os homens
que prometeram ter qualidades.
as qualidades sem casa própria
sem um lugar saudável onde possam ser o que são.
afinal:
uma pseudofilosofia cretina enfatiza a estupidez;
o doutorado em políticas-públicas-para-o-fim-dos-tempos
com ênfase em moda celeste dita:
azul-viagra-patriarcal
rosa-goiaba-submissa;
um bacharelado sem senso histórico
com pós em plantas artificiais (des)mata.
tudo o que já nasce morto facilita, é bem-vindo.

afinal, imagina você:

até os liquidificadores estão se dando ao trabalho de assassinar crianças.

a mídia não dá conta de noticiar tanto do mesmo:

extra! extra! estrangulamento!

asfixia.

as qualidades se foram

para o fim de tudo

levando seus homens e suas mulheres.

II

este título não pensa e, logo, não existe

quando penso, existo.

se penso e existo, existindo

logo penso em quem

não pensa, mas existe. e, principalmente,

em que não pode existir, apesar de pensar.

mesmo pensando, é possível não existir.

saiba, senhor descartes:

é muito fácil não existir.

não basta pensar.

não é imediata a existência.

é incerta, dolorosa e (por vezes)

impossível.

existir é para poucos.

um privilégio,

posto que concedido apenas aos que já existiam

antes que fossem capazes de algum pensamento.

mais: concedido aos que já nascem existindo,

mesmo que nunca cheguem a pensar.

era pra ser simples:

pensarmos e então termos certeza de que existimos.

mas não é fácil tal como descartes nos fez acreditar que fosse.

estar vivo e não existir: como é possível?

não consigo pensar
em alguma resposta que preste.
em mim, em nós
onde existe o pensar?
corpo-máquina o meu, os nossos?
trabalhar mais, logo, pensar menos.
inúmeros corpos que pensam em não mais existir logo
que amanhece o dia.
logo: pensar e existir: por muito pouco: antítese.
este poema não pensa
em outra coisa senão nisso tudo.
senão nas existências que logo desistem.
às 3h da manhã, penso ainda outra vez:
melhor não pensar mesmo
na descoberta de descartes.
mas logo antes de dormir: por que
o pensamento de descartes ainda existe
se ele não?
...
privilegio é:
o pensamento continuar a existir
quando um sujeito já nem existe mais.

III

bela, recatada e natural

ser sempre passiva
é o natural
e ser natural
é não sentir desejo.

ser sempre bonita
é o natural
e ser natural
é nunca ter pelos.

ser compassiva
é o natural
e o natural
é perdoar agressões.

ser vaidosa
é o natural
e o natural
é seguir os padrões.

ser amorosa
é o natural
e o natural
não tem leite no peito.

ser a mais calma
é o natural
e o natural
não xinga ou faz dedo.

ser compreensiva
é o natural
e o natural
é nada merecer.

ser mulher
é o natural
e o natural
é não conseguir ser.



aline prúcoli é
doutora em Letras
pela Universidade
Federal do
Espírito Santo. É
autora das obras
*pustulâncias: menina
bruta; anatomia
e temporária*,
ganhadora do prêmio
Secult de Literatura
(2017) na categoria
Autor estreante.

Bruna Mitrano

Poe ma

ameaça

o carteiro grita nos portões
o nome do destinatário
e quando o atendem diz bom dia ou
boa tarde e o nome do remetente
o carteiro
não tem um nome
nem o pipoqueiro
nem o vassoureiro
nem o homem das verduras
tem um nome
a mulher nunca tem um nome
é a mulher do fulano
os animais
de rua não têm nomes
nem ocupam cargos públicos
a minha avó não teve um nome
os filhos chamavam de mãe
eu chamava de vó
e ela sempre atendia
a minha avó me ensinou
a atender prontamente
e a morrer sozinha
ela também me ensinou
a degolar franguinhos
e que as mulheres são sempre
as mulheres de alguém
menos as que matam o marido
e fogem com seus miúdos
numa bacia de lavar bebê
essas têm nome
e sobrenome herdado da mãe
que agora já não é só mãe
que agora é uma ameaça
ao anonimato das mulheres
que em breve vão aprender
a degolar franguinhos.

1989

do que se diz
infância
sorte é não lembrar.

recidiva

desenhar um ponto ao lado
do sinal de nascença na pele
e puxar um rosto que sorri
entristece
grita

rabiscar jornais velhos
lacerar notas esquecidas na bolsa
listar palavras ouvidas no ônibus
lembrar de comprar arroz

nenhuma frase completa
nenhum gesto de fim

mas o coração na Palestina
o coração na porta do hospital
mãe esperando notícias
da filha morta há cinco horas

o coração na caixa
do peito sob a lama em Brumadinho
sente as pontas das costelas
que serão encontradas pelos cães
tarde demais

medidas de reparação
tarde demais

meu filho morreu com sede
diz Bruna Silva
mãe do estudante Marcus Vinícius
assassinado pela polícia militar
na favela da Maré

o coração numa mulher devastada
como uma cidade
devastada
Mariana
implorando por justiça

o coração arrancado
da travesti Kelly
no dia 21 de janeiro de 2019

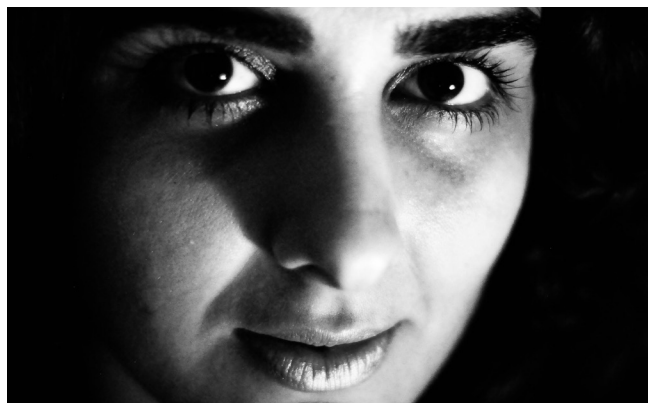
o coração
arrancado

de Jéssica Maciel
de Mônica Benício
de Dinalva Oliveira

“Após morte de jovem,
supermercado rescinde o contrato
com empresa de segurança”

medidas de reparação
tarde demais

Marcus Vinícius morreu com sede.



Bruna Mitrano é professora, poeta, desenhista e articuladora cultural. É mestre em Literatura pela UFRJ. Publicou o livro *Não* (Ed. Patuá, 2016).

Poe ma

Bruno Gaudêncio

QUILOBLUES

Para Adão Ventura

Há um quilombo
dentro de mim,
zumbi

:

um palmares
acesso
à resistência

na pele
um blues
que sangra

um gueto
no banzo
arde o sol
sem fim

ANTIFAUSTO

Morrer deus
o fausto
a alma acesa
entregue à decadência
dos bárbaros

o bálsamo
dos fogos
na carne
dos gregos

abre-se (o cerco
o medo
o sono)
nas feridas
abertas
do abandono

REDESCOBERTO

Para Fernanda Arêas Peixoto

O passado se reflete
no instante

no ruído das colheres
no gosto da madeleine
no contato com a gema
dos guardanapos

um real captado
em estado puro
de abalo efetivo

a dimensão interna
na travessia da
tran-si-to-ri-e-da-de

tempo perdido
tempo redescoberto



Bruno Gaudêncio

Natural de Campina Grande (PB), é autor de diversos livros, entre coletâneas de poemas e contos, antologias, ensaios e roteiros biográficos em quadrinhos. Doutorando em História Social pela USP. Foi um dos vencedores do Prêmio de Incentivo à Publicação Literária — 200 anos de Independência do Brasil (2018).

Poe ma

André Vallias

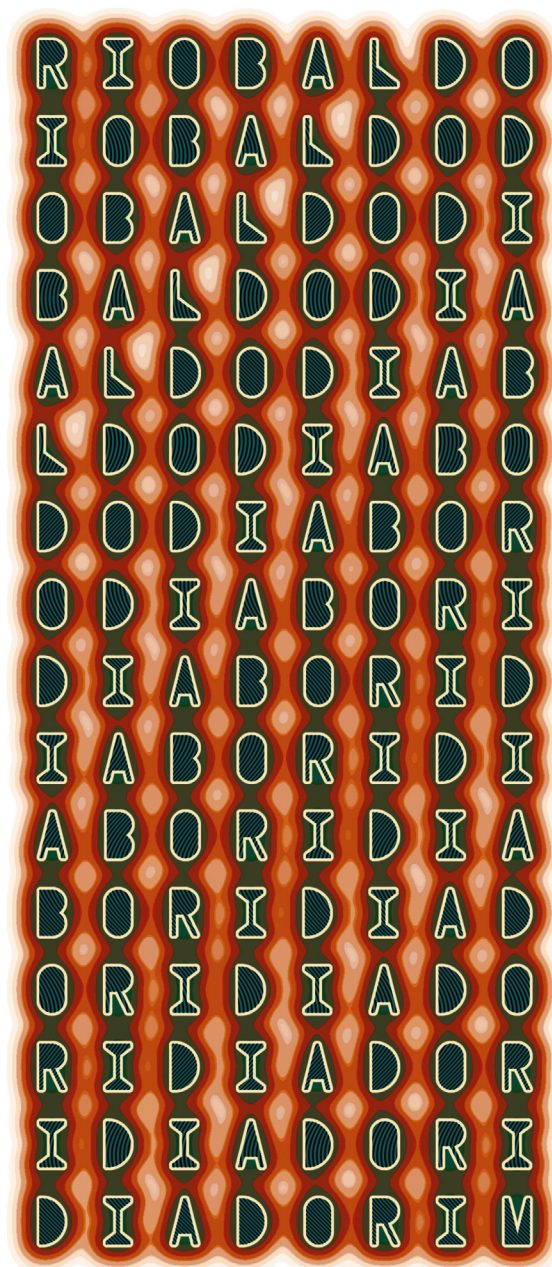
E X A M I N A
D E N O M I N A
D E T E R M I N A
D O M I N A
D I S C R I M I N A
E L I M I N A
F U L M I N A
C O N T A M I N A
D I S S E M I N A
E X T E R M I N A
M I N A

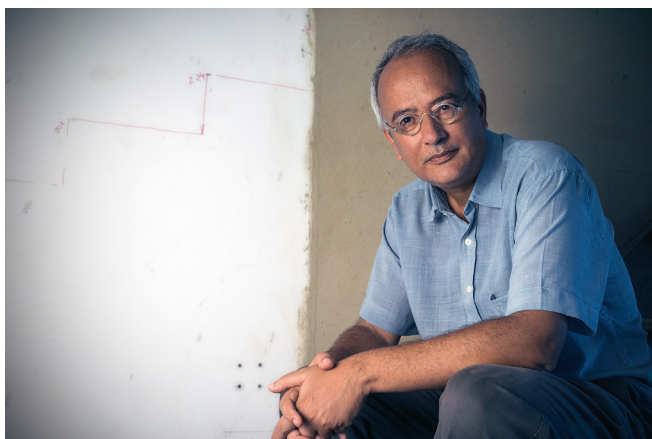


A DESTRUIÇÃO DE BELO MONTE — BA

A CONSTRUÇÃO DE BELO MONTE — PA

Q HOMONÔMICA E TERRÍVEL SIMETRIA

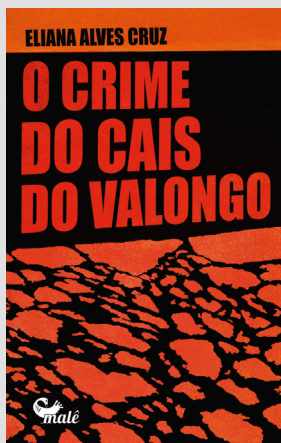




André Vallias é poeta, designer gráfico e produtor de mídia interativa. Foi curador de importantes mostras de poesia digital. Publicou *Heine, hein?* (Perspectiva, 2011), *Totem* (Cultura e Barbárie, 2014) e *Oratório* (Azougue, 2015). É editor da revista online www.erratica.com.br

Resenha

Márwio Câmara



1 Os dois lados da mesma história

O crime do cais do Valongo (Editora Malê) investe em uma poderosa história ambientada no Rio de Janeiro do século 19, com todos os ingredientes rocambolescos da escrita de ficção. Um assassinato é apresentado logo nas primeiras linhas, criando um clima de suspense.

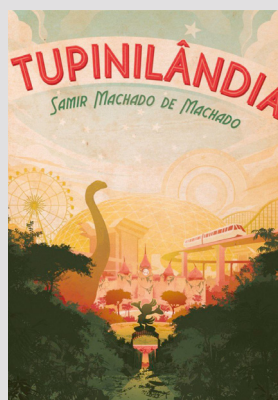
A vítima se trata de Bernardo Lourenço Viana, um comerciante com ambições de ascender socialmente, sobretudo com a chegada da família real portuguesa no Brasil, em 1808.

Traficante de escravos e responsável pela hospedaria próxima de Valongo – antigo local onde ocorria a venda de escravos negros vindos da África –, Viana enriquece, compra um título de barão e arruma uma noiva de família nobre. Porém, seu destino é traçado por um final abruptamente trágico. Seu corpo é encontrado com grandes sinais de violência.

Até aqui tudo leva a crer que se trata de um romance policial, mas a escritora carioca Eliana Alvez Cruz vai muito além. Neste caso, mimetiza um relato por meio de duas vozes narrativas que amalgamam com grande maestria a conjuntura laboriosa da obra, pelo livreiro Nino Alcântara Coutinho e a escrava Muana Lomuê. O crime, neste caso, é apenas o fio condutor para uma experiência radical de alteridade e reflexão ante a permuta do sofrimento humano imposto aos negros, o senso de liberdade

e a nobre conferência dos valores ancestrais da cultura africana, tão pertinente ao processo da formação da cultura brasileira.

Em tempos em que os valores humanos são sucateados pelas amarras da intolerância e do não direito à liberdade de expressão, a literatura de Cruz só reconfirma a necessidade de uma atenção redobrada às mazelas sociais de nossa história, além de sinalizar à indústria editorial um olhar mais atento voltado aos autores negros do país.



2 Os bastidores de um grande empreendimento

Um parque é idealizado no coração

da Amazônia, a fim de celebrar a cultura brasileira. Um projeto inovador e, sobretudo, extravagante, que surge a partir do desejo de Flynger, um norte-americano que herda toda a fortuna do pai. Influenciado por Walt Disney e Henry Ford, *Tupinilândia* será uma forma de esse homem presentear o país que enriqueceu exponencialmente seu pai e, também, de celebrar o período de redemocratização do estado nacional, uma vez que a história é ambientada nos anos 1980.

O romance do gaúcho Samir Machado de Machado mistura ficção e pesquisa histórica para dar força à sua mais recente narrativa de aventura, que se embebe de diferentes informações jornalísticas de época, além de referências oitentistas, capazes de provocar nostalgia para quem vivenciou a década.



1 Efetivo variável

A literatura é pródiga em romances de formação em que um jovem burguês amadurece depois de viver aventuras ou enfrentar percalços típicos da transição para a idade adulta. Em *Efetivo variável*, porém, tanto o protagonista como o ambiente de sua jornada saem do script habitual para encontrar versões que radicalizam a experiência da maturidade a fórceps.

Morador de uma favela na zona oeste do Rio de Janeiro, Vinícius lida naturalmente com as dificuldades de sua comunidade: com alguma dose de

malandragem, mas sem os estereótipos de praxe. Difícil mesmo serão o treinamento e o serviço militar prestado durante um ano no quartel do Exército.

Em *Efetivo variável*, porém, tanto o protagonista como o ambiente de sua jornada saem do script habitual para encontrar versões que radicalizam a experiência da maturidade a fórceps.

Com agilidade narrativa, ótimos diálogos e histórias saborosas, Jessé Andarilho vai além do desvendamento de uma rotina pouco conhecida, ao encontrar nos rituais e na linguagem da iniciação militar uma metáfora perfeita para a falta de sentido do mundo adulto. “Para mim, ‘sentido’ não fazia sentido, ‘descansar’ não descansava”, observa o personagem no

início do processo do qual sairá transformado – mas não formatado pelo sistema que aprende a criticar.



2 Entre as mãos

Como se fosse um dos fios da trama tecida pela protagonista, a incerteza perpassa e entremeia o primeiro romance de Juliana Leite — que, depois de ganhar o prêmio Sesc de Literatura de 2018, angariou o APCA, disputado por escritores veteranos. Com uma bem-sucedida experimentação textual, que se rende à fragmentação do pensamento

contemporâneo e à impossibilidade de uma narrativa totalizada, *Entre as mãos* causa forte impressão ao leitor convidado a experimentar o que experimentou Magdalena.

Detalhes e pontos de vista podem mudar a qualquer instante, já que a tecelã de tapetes, em dois momentos distintos de sua vida, se senta para “escrever uma mulher — um centro, uma casa, um relevo, uma mulher que pudesse ser você, mas que fosse de imediato algo mais do que isso.

Entre elas, a limitação da mão que escreve e que jamais dará conta de toda a história.

Algo inexato e, por isso, múltiplo”. O artifício da reescrita é escancarado pela narradora e compartilhado com o leitor, mas nem por isso se pode fugir dos fatos brutos: a personagem sofre

A young woman with dark hair and glasses is sitting on a wooden bench outdoors. She is wearing a dark cardigan over a black top, jeans, and sneakers. She has a necklace with a cactus pendant. The background is a dense garden with various plants and trees. The entire image has a blue tint. In the top right corner, there is a faint, light blue grid pattern.

O único
depoimento
que uma
jovem
escritora
mulher pode
dar

Luisa Geisler

Escritora e tradutora. É autora de *Contos de mentira* (Contos/2010), *Quiçá* (Romance/2012), ambos vencedores do Prêmio Sesc de Literatura em suas respectivas categorias, *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* (2014) e *De espaços abandonados* (2018). Os seus textos já foram publicados em mais de dez países.

Em 1817, Mary Shelley publicou o clássico *Frankenstein* quando tinha 19 anos. Em 1869, Arthur Rimbaud publicou seu primeiro poema, aos 16. Vladimir Nabokov estreou com 17. Chimamanda Ngozi Adichie, 20. Agatha Christie, 30. Ainda assim, em pleno 2019, eu por ser escritora aos 28 anos de idade, sou uma jovem autora.

Quando ganhei o Prêmio Sesc de Literatura, que me permitiu entrar no mundo literário, tinha 20 anos. Uma das juradas disse que ao ler *Contos de mentira*, o livro de contos original sob pseudônimo, imaginava que eu era “um homem gay roteirista de quarenta anos”. Sempre conto essa história em eventos e falas, porque ela sempre causa risadas da plateia.

É difícil abandonar o preconceito de que se precisa de “vivência” pra escrever. Acontece que o escritor é formado por um ponto de vista, um modo de enxergar o mundo, não (só) de vivência. Agatha Christie não foi nem criminosa nem detetive. Nabokov não foi pedófilo. A literatura de ficção, ela é feita de ficção. E pra inventar, cá entre nós, não existe idade. E, já que estamos cá entre nós, digo mais: quem inventa bem mesmo é a molecada.

Não ignoro a importância da técnica. Mas resalto a insignificância de estereótipos desse tipo.

Em um evento literário recente, fizeram uma pergunta que me desarmou: o que, pra mim, significava escrever livre? Para ganhar tempo, comecei a contar a história que sempre faz sucesso. Enquanto contava a história, comecei a atravessar a mente à procura de uma maneira de explicar o que seria escrever em completa liberdade. Se a resposta fosse ruim, ao menos a história ia agradar. E foi quando cheguei na frase do “achei que você era um homem gay roteirista de quarenta anos” que entendi. Consegui estruturar o raciocínio enquanto a plateia terminava de rir.

Escrever livre pra mim é escrever sem esses rótulos todos. Sem ser um homem ou mulher, gay ou qualquer outra orientação, roteirista ou qualquer outro emprego, de quarenta anos ou 20. E é esse meu depoimento. Eu gosto de escrever. E essa na verdade é minha única característica como escritora.



Leitura da escola para o mundo

Carlos Fialho

Escritor e roteirista de conteúdo audiovisual. É o criador da editora Jovens Escribas, da Ação Leitura, do Bazar Independente, e colunista do “Saiba Mais”. Já publicou dez livros.

Numa tarde do já longínquo ano de 2010, fui convidado por professores de uma escola estadual de Natal-RN (que também faziam uma especialização em Letras) para bater papo com seus alunos. Os docentes haviam trabalhado textos de minha autoria com os alunos e o encontro seria uma culminância. Os jovens levaram várias perguntas e estavam muito interessados. Além disso, alguns dos meus livros estavam na biblioteca da escola e, segundo disseram, os títulos não paravam nas prateleiras após a palestra, e a galera logo procurava obras de outros autores para satisfazer a recém-adquirida necessidade de leitura.

Aquela experiência me fez perceber o poder transformador que um simples encontro entre escritor e estudantes poderia exercer sobre as práticas de leitura dos adolescentes. Então, a partir deste episódio, elaborei um evento em Natal chamado AÇÃO LEITURA. Criado em 2011, consiste em promover a leitura literária em escolas e universidades segundo o conceito de que “Ler pode ser muito divertido”. Subvertendo o que normalmente se faz, não concentramos esforços na “obrigatoriedade” da leitura para que os alunos tenham uma vida melhor. Pelo contrário, dizemos que não são obrigados a ler se não quiserem, se acharem que não é importante para a vida deles. Mas que, se o fizerem, poderão se divertir tanto quanto em qualquer outra atividade de lazer que faça parte de suas rotinas.

Para o êxito do trabalho, precisamos nos articular com professores no início do ano letivo. Enviamos textos dos escritores que participarão do evento naquele ano. No mês de maio, ocorrem os encontros de estudantes e escritores, em bate-papos e palestras realizados em teatros

ou auditórios que possam reunir algumas centenas de estudantes de várias escolas. Outros formatos, como saraus de poesia, leituras de textos por parte de atores de teatro e palestras de escritores premiados em universidades dão ao evento uma abrangência geográfica maior, contemplando várias regiões da cidade. Para fechar, realizamos um encerramento festivo com direito a bate-papo com escritores, show musical em meio a um bazar de itens culturais e gastronômicos. A AÇÃO, no entanto, não termina com o fim do evento, pois livros dos autores presentes na edição daquele ano são deixados nas escolas contempladas para incentivar a leitura espontânea dos alunos.

Com o passar dos anos, o evento foi crescendo. De pouco mais de mil estudantes em 2011, chegamos a mais de 10 mil em 2018. De Natal, ampliamos o raio de ação para cidades próximas como Parnamirim e São Gonçalo, sempre lotando teatros locais. A formação de leitores passou a ser uma realidade comprovada pelos professores das escolas contempladas, mas qual não foi a surpresa quando começaram a ser reveladas as primeiras autoras surgidas a partir das salas de aula. Já são cinco escritoras com livros publicados que se motivaram a partir de palestras assistidas durante edições do projeto.

A experiência desses anos ensinou que incentivar a leitura em escolas é como revelar aos estudantes um talento oculto que todos têm, mas não o sabem. Ao mostrar pra eles que a leitura pode fazer parte de suas vidas, de uma forma natural e divertida, estamos mais do que estimulando um hábito, mas indicando uma direção que os conduzirá, assim (toda a sociedade), rumo a um caminho promissor.

Autores e fotógrafos

alaine prúcoli | **foto de Nicolas Soares**

Anabella López | **foto de Fernando Drusino**

André Vallias | **foto de Bel Pedrosa**

Bruna Mitranio | **foto de Gisele Motta**

Bruno Gaudêncio | **foto de Val da Costa**

Caeto | **foto de Rafael Roncato**

Carlos Fialho | **foto de Giovanna Rego**

Fabício Marques | **foto de João Marcos Rosa**

Katherine Funke | **foto de Pierre Themotheo**

Luisa Geisler | **foto de Desiree Ferreira**

Marcelo Labes | **foto de Luiza Melo**

Márcia Wayna Kambéba | **foto de José Carlos**

Mariana Paraizo | **foto de Ian Schuler**

Meimei Bastos | **foto de Amanda Antunes**

Nina Rizzi | **foto de Mariana Botelho**

Nivaldo Tenório | **foto de Hélder Herik**

Raphael Montes | **foto de Stefano Martino (Época)**

Reginaldo Pujol Filho | **foto de Jajá Menegotto**

Rodrigo Casarin | **foto de Carla Formanek**

Samir Machado de Machado | **foto de Renato Parada**

Renato Moriconi | **foto arquivo pessoal**

Marta Barcellos | **foto arquivo pessoal**

Márwio Câmara | **foto arquivo pessoal**



Na edição n.º 8/2018,
nossa fotografada da
capa foi a super poeta
Letícia Brito.

**Sesc | Serviço Social
do Comércio**

Presidência do
Conselho Nacional
José Roberto Tadros

DEPAR- TAMENTO NACIONAL

Direção-Geral
**Carlos Artexes
Simões**

Diretoria de
Programas Sociais
Lucia Prado

CONTEÚDO

Gerência de Cultura

PRODUÇÃO EDITORIAL

Assessoria de
Comunicação

©Sesc Departamento
Nacional, 2019
Tel.: (21) 2136-5555
www.sesc.com.br

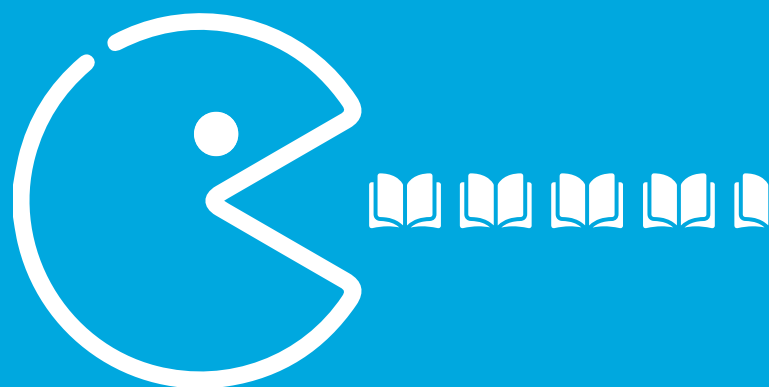
*Tiragem: 25.000 exemplares
- Distribuição gratuita,
venda proibida.
ISSN 2178-1443*

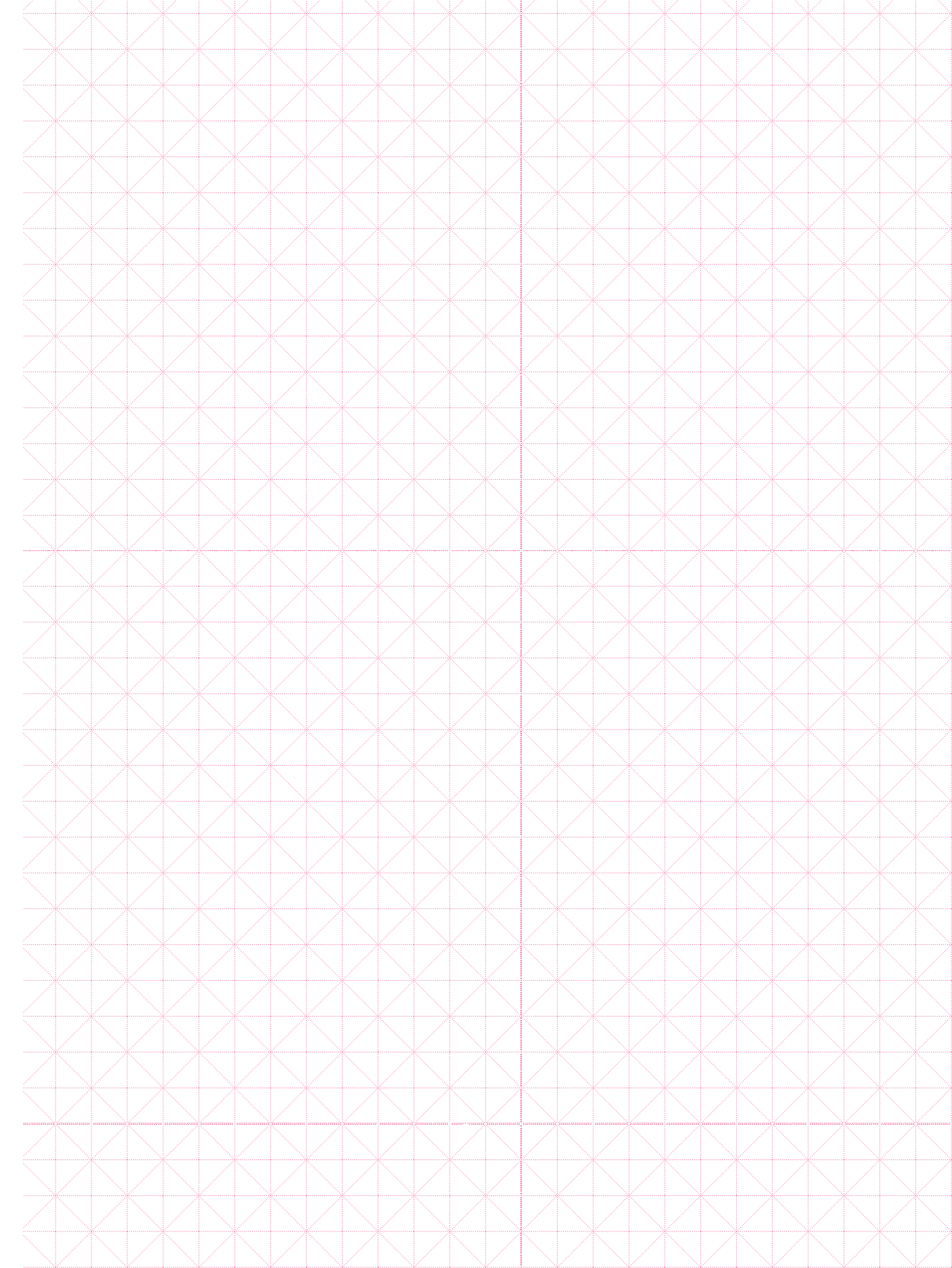
*Todos os direitos reservados
e protegidos pela Lei n.
9.610 de 19/02/1998.*

*Os textos assinados são
de responsabilidade
dos autores e
não refletem,
necessariamente, a
opinião da revista.*

*Para sugestão ou
recebimento de
exemplares, entre em
contato conosco pelo
seguinte endereço
eletrônico:
secascom@sesc.com.br*

*Escreva-nos, sua
opinião é muito
importante para o
aprimoramento da
revista!*







www.sesc.com.br

